

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira
Abril de 2021

As montanhas e a arte de Minas

Lima Barreto:
**O triste fim de uma
vítima do preconceito**

**A relatividade
do mérito**

E MAIS:
Contos, poemas, crônica

23

SUMÁRIO

CAPA

Montanhas inspiradoras

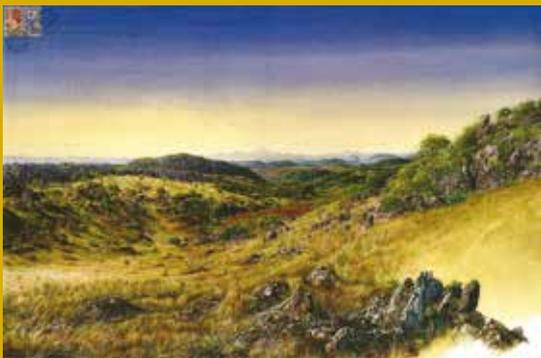
As montanhas de Minas oprimem ou libertam?

Essa pergunta atravessa nossa história, sem encontrar resposta única, consensual, alimentando permanente debate. Há unanimidade, no entanto, quando simplesmente olhamos para elas, em qualquer parte de nosso estado, e nos deslumbramos com a paisagem.

Paisagens que inspiraram viajantes estrangeiros que aqui estiveram no período colonial e ainda inspiram artistas com sensibilidade extremada, que descobrem nos mínimos detalhes as belezas de cada montanha.

Um desses artistas é Mário Zavagli, autor da aquarela que ilustra nossas capas, retratando paisagem da região de Diamantina, com o Pico do Itambé. Leia mais sobre o autor na página 30.

"Diamantina. Caminho dos Escravos", de Mario Zavagli



LITERATURA

Lima Barreto

Da alegria da festa da Abolição à tristeza pelo preconceito de cor
Gutemberg da Mota e Silva

4



CRÍTICA LITERÁRIA

O cheiro Drummond

Amaury Silva

14



CONTO

Fim de tarde

José Aparecido Fausto de Oliveira

16



Sol poente

Marco Aurélio de Medeiros

18



O Encontro

Sílvia Nascimento

20



CRÔNICA

O sabor amargo do nada

José Fernandes Filho

24



CAPA

As montanhas e as artes em Minas

Manoel Marcos Guimarães

26



Mantiqueira, a serra de Dantas Mota

Caio Junqueira Maciel

31



Caraça, o gigante deitado

J. D. Vital

32



POESIA

Lamento serrano

Renato Jardim

34



Elegia à terra mineral

Amaury Silva

36



A ponte

Rogério Medeiros Garcia de Lima

37



Três poemas

Aldina Soares

38



Dois poemas

Llewellyn Medina

40



Dois poemas

João Quintino

42



Três poemas

Fernando Armando Ribeiro

43



ICONOGRAFIA

A Deusa da Justiça nas praças do mundo

Marcelo Piragibe

44



FILOSOFIA

Relatividade do mérito e o raciocínio binário

Armando Barreto Marra

48



EDITORIAL

Cultura resistente

Esta é a segunda edição de *MagisCultura* gestada durante a pandemia do Covid 19 e lançada agora, quando começamos a vislumbrar um horizonte menos perverso, sob a ótica sanitária, graças aos esforços da Ciência humana, que foi capaz de produzir em tempo recorde a vacina que deverá nos proteger do insidioso vírus.

Assim como a Ciência, a Cultura também deu mostras nesse período da capacidade humana de resistir e de se reinventar diante das adversidades, ao criar novas formas de manifestação, diante da impossibilidade da aglomeração. Os exemplos da resistência cultural em nossa história, aliás, são inúmeros e alguns deles são expostos nesta edição, ela própria, aliás, inserida nesse rol, por evidenciar que os magistrados mineiros, além de manterem alta produtividade durante a pandemia, não deixaram de lado sua capacidade de produção literária.

Eloquente exemplo da resistência da literatura diante da adversidade vem do alentado ensaio sobre Lima Barreto, escritor que, há mais de um século, produziu obra que é um libelo contra os horrores e as trágicas consequências da discriminação racial, infelizmente ainda hoje presente em nossa sociedade.

A resistência cultural associa-se à ambiental na reportagem de capa da edição, que trata do 'peso' das montanhas mineiras nas artes, e em poemas que lamentam a degradação da Serra do Curral e os recentes e fatais desastres provocados pela extração minerária em nosso estado.

A resistência está presente, ainda, em sensíveis contos e poemas que perscrutam e tentam deslindar os segredos e as contradições da alma humana, em todos os níveis.

Enfim, a própria edição da revista *MagisCultura* há mais de uma década, e já em seu vigésimo terceiro número, é uma clara demonstração de que a resistência é atributo indispensável à nossa condição humana, de modo especial no que diz respeito à produção cultural.

Boa leitura a todos, com os votos de que o vírus da cultura continue a se expandir e nos contaminar cada vez mais, dispensando qualquer vacina que o pretenda extinguir.


Alberto Diniz Júnior
Presidente

MagisCultura

Mineira

Amagis - Diretoria Triênio 2019-2021

Presidente: Desembargador Alberto Diniz Junior

Vice-presidente Administrativo: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos

Vice-presidente Financeira: Juíza Luzia Divina de Paula Peixoto

Vice-presidente de Saúde: Juíza Rosimere das Graças do Couto

Vice-presidente do Interior: Juiz Paulo Fernando Naves de Resende

Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Juiz Jorge Paulo dos Santos

Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Juíza Marli Maria Braga Andrade

Diretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira

Subdiretor-secretário: Juiz Evandro Cangussu Melo

Diretora de Comunicação: Juíza Cristiana Martins Gualberto Ribeiro

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

- **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano
- **Editor Responsável:** Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)
- **Proj. gráfico e editoração eletrônica:** Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)
- **Ilustrações:** Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)
- **Impressão:** Rona Editora | **Tiragem:** 2.300 exemplares
- **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa

Endereço para correspondência:

R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160

Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br

www.amagis.com.br



Lima Barreto

Da alegria da festa da Abolição à tristeza pelo preconceito de cor

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado

O escritor carioca Lima Barreto anotou, na crônica Maio, de 4 de maio de 1911, que se lembrava de que em 1888, dias antes da assinatura da Lei Áurea, seu pai lhe dissera que a lei da abolição da escravatura passaria no dia dos seus anos. *“E de fato passou e nós fomos esperar a assinatura no largo do Paço”*. No balcão do Paço Imperial acenava para a multidão um homem que deveria ser *“o grande [José do] Patrocínio”*. A Princesa Isabel veio à janela. *“Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas... Jamais na minha vida, vi tanta alegria. Era geral; era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia” (Feiras e mafuás)*.

Romancista, contista, crítico, cronista, jornalista – mulato que desde cedo foi vítima constante dos preconceitos de cor e da origem humilde, alcoólatra, autor, entre outras obras, dos romances *Recordações do escrívão Isaiás Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto conta que o pai também o levou à missa campal no campo de São Cristóvão, e ali novamente viu a princesa, que lhe parecia *“loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. (...) Eu tinha então sete anos, e o cativo não me impressionava”*, pois desconhecia a sua injustiça (...) e não tinha ciência direta da *“vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos”*.

Era grande a alegria entre a criançada da Escola Pública Municipal onde estudava. Da explicação de sua *“boa professora”*, Dona Teresa Pimentel do Amaral, sobre o significado da Abolição, uma coisa lhe ficou: livre, livre. *“Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis”*.

“Nasci sem dinheiro, mulato e livre”

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu na sexta-feira 13 de maio de 1881, dia de N. S. dos Mártires, na Rua Ipiranga, 18, Rio de Janeiro, filho do tipógrafo João Henriques de Lima Barreto, mulato de ascendência portuguesa, e da professora pública Amália Augusta Barreto, neta de escravos. [Sua avó materna, Geraldina Leocádia da Conceição, descendente de negros africanos da nação Rebola, era escrava da família Pereira de Carvalho, que criou a mãe dele].

Em *Vida urbana* (artigos e crônicas), afirma: *“Nasci sem dinheiro, mulato e livre”*. Batizado em 13 de outubro de 1881,

teve como protetora N. S. da Glória e, como padrinho, Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro visconde de Ouro Preto, senador do Império.

“Nunca mais teve crises de alegria”

Amália sofreu traumatismo e paralisia nas pernas quando do parto do primeiro filho, Nicomedes, falecido oito dias depois. Usou muletas durante meses, o que dificultou suas aulas no Santa Rosa, o pequeno colégio para meninas que abriu em sua própria casa. Morreu de tuberculose pulmonar na véspera do Natal de 1887, deixando quatro filhos, todos menores: Afonso (1881), Evangelina (1882), Carlindo (1884) e Eliézer (1886).

O falecimento da mãe, antes que completasse os sete anos, deixou forte impressão no escritor, diz Francisco de Assis Barbosa na pioneira biografia *A vida de Lima Barreto*, de 1952: *“Sem os carinhos de Amália, o mundo como se fechou para o menino taciturno, reservado e tímido (...)”* E, sem carícias e abraços maternos, *“fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria”*. Todo sábado pedia ao pai um tostão para dar esmola a uma pobre velha, que o beijava. *“Desses beijos, tenho eu ainda grandes saudades (...)”*.

Primeira mestra realçou sua “grande inteligência”

Durante a breve vida do escritor, de apenas 41 anos, a mãe lhe fez muita falta, confessa no *Diário*. *“Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse”*. E, ainda: *“Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante”*.

Na Escola Municipal ganhou como prêmio escolar o livro *As grandes invenções (...)*, do francês Louis Figuier, dedicado pela mestra: *“Afonso, guarda esse livro como uma lembrança”*.

“Afonso, guarda esse livro como uma lembrança de quem se orgulha de ter desenvolvido um pouco tua grande inteligência, da qual muito espera nossa cara Pátria.”

de quem se orgulha de ter desenvolvido um pouco tua grande inteligência, da qual muito espera nossa cara Pátria; lendo-o procurarás imitar as virtudes e a força de vontade dos grandes vultos, que aí se apresentam”. Conservou-o até o fim da vida na primeira das prateleiras dos quase 800 livros e revistas estrangeiras que ele inventariou na sua biblioteca, a *Limana*, na sala de casa, também seu quarto.

Ao longo do tempo registrou o tratamento desigual a ele dispensado, como ser a única pessoa de quem se exigiu o convite dentre os convidados a bordo para ver uma esquadra partir, o que o levou ao desabafo “*É triste não ser branco*”, e lhe ter um soldado perguntado três vezes, no Ministério em que trabalhava, e em ocasiões diversas, se ele era contínuo, como se mulato só pudesse ser contínuo.

Falta de recursos afastou o pai dos estudos

Traçando o perfil do pai dele, Antônio Noronha Santos, maior e mais constante amigo de Lima Barreto, diz que, autodidata, João Henriques “*possuía certo cabedal de conhecimentos, boa formação de humanidades*”. Traduziu do francês o *Manuel de l'Apprenti Compositeur*, de Jules Claye. Fez os preparatórios no Colégio Pedro II e o vestibular da Faculdade de Medicina, “*não prosseguindo nos estudos, por*

falta de recursos e pela necessidade de ganhar a vida” (Lima Barreto. *Correspondência ativa e passiva*, 1º. tomo).

Trabalhou nas oficinas do *Jornal do Comércio* e de *A Reforma*, órgão do Partido Liberal, no qual conheceu Afonso Celso. Acompanhando-o, diz Noronha, foi chefe das oficinas da Tribuna Liberal nos últimos tempos da Monarquia “*e por esse motivo acabou sendo demitido do emprego, com o advento da República*” [Na verdade, demitiu-se ao saber que seria dispensado, por ser monarquista e ter ido ao embarque do visconde, deportado para a Europa]. Frustrado o sonho de ser médico, empenhou-se para fazer do filho inteligente e preferido um doutor, o “*doutor Afonso*”, como dizia.

O visconde pagou a escola do afilhado, sendo Afonso matriculado no Liceu Popular Niteroiense, um dos melhores da época. Agrippino Grieco, crítico literário fluminense, contemporâneo do escritor e sete anos mais novo, diz que “*fizeram-no afilhado do visconde de Ouro Preto, que, segundo ele próprio confessava, nunca lhe dispensou nenhuma proteção, recebendo-o a custo, talvez receoso de qualquer pedido de dinheiro*” (*Memórias de Agrippino Grieco* – 2 - Rio de Janeiro I). Já Francisco de Assis Barbosa afirma que ele não soube dar o que o rapaz pedia, estendendo-lhe uma cédula enquanto o afilhado desejava “*ternura e compreensão*”.

Tímido, mas rebelde, fugiu do internato

Menino tímido, mas de espírito rebelde – acostumado à infância livre e feliz na ilha do Governador, pois a partir de 1890 o pai, com moradia ali, ocupou sucessivamente os cargos de escriturário, almoxarife e administrador das Colônias de Alienados da ilha, aposentando-se, por loucura, em 1903 –, Afonso não se adequou à monótona disciplina do internato e dele fugiu. O pai o repreendeu duramente, levando-o a pensar em suicídio: armou um laço numa árvore da ilha, mas não teve coragem de se atirar no vazio com ele ao pescoço, diz no *Diário*.

No prefácio de *Coisas do reino do Jambon* (sátira e folclore), Olívio Montenegro observa que na Escola Politécnica [onde ingressou em 1897, para estudar engenharia civil], não foi menor o desapontamento dele, não só pelos métodos abstratos de ensino, “*mas em face ainda das injustiças que viu; dos favores que se davam em notas aos alunos de família poderosa ou rica, e o rigor com que, nos exames, eram tratados os de família obscura ou pobre*”.

O escritor Osman Lins assinala que “*na Escola Politécnica, parece que havia certa resistência àquele aluno de cor, o próprio Lima Barreto não leva muito a sério o curso, prefere ler os filósofos, publicar artigos num jornal dos estudantes (...) e sempre está faltando às aulas*” (*Do ideal e da glória*).

Lima Barreto, que somente em Mecânica foi reprovado cinco vezes, abandonou a Politécnica no terceiro ano, decidido a se dedicar à literatura, a militante, a útil à sociedade. Passava tardes na Biblioteca Nacional, lendo Dostoiévski, Tolstói, Flaubert, Taine, Eça de Queiroz e muitos outros.

“Batido, esmagado, prensado pelo preconceito”

Em 1909, sem editor aqui e querendo causar impacto, escandalizar, despontar na vida literária, guardou o sereno romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*, quase pronto, e, por Noronha Santos, mandou os originais do *Isaías Caminha* para Portugal. A historiadora Isabel Lustosa observa que o romance “se constrói em torno das ilusões perdidas de Isaías em processo de inserção no Rio de Janeiro, revelando o ambiente fútil e superficial da elite da cidade” no tempo de grande reforma urbana e “na última fase de brilho da Rua do Ouvidor”, com seus “cafés, confeitarias e as redações de grandes jornais, em que o sucesso literário esteve sempre associado ao sucesso mundano” (Lima Barreto. *Prosa seleta*).

No artigo *A autoridade do malogro*, o poeta Ledo Ivo afirma que, “com as armas do sarcasmo e da caricatura”, Lima Barreto “investe contra o poder, satiriza governantes e chefes militares, políticos, donos de jornal, capitalistas, confrades afortunados, levantando uma profusa galeria de tipos que ilustram a literatura como crítica social” (Cultura, *O Estado de S. Paulo*, 10 de maio de 1981).

Para facilitar a edição, abriu mão dos direitos autorais, exigindo apenas 50 exemplares, para a distribuição de praxe. Em carta, explicou ao amigo: “Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna [crítica] arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa coisa de *make money* com livros” (Correspondência ativa e passiva, 1º t.). Editou-o Antônio Maria Teixeira, da Livraria Clássica Editora, de Lisboa. Seus dois capítulos iniciais haviam saído em 1907, em folhetim, na modesta revista *Floreal*, que, fundada e dirigida pelo autor e fechada depois do quarto número, era contra quase tudo, como ele. [Lima Barreto escreveu em várias outras revistas, como *Fon Fon*, *Careta* e *ABC*, esta por mais tempo].

O crítico Wilson Martins afirma que ele reagiu assim: “O aparecimento do meu primeiro livro me surpreendeu. Esperava que o atacassem, que me descompusessem e eu, por isso, tendo o dever de revidar, cobraria novas forças. Mas tal não se deu: calaram-se uns, e os que dele trataram, o elogiaram”. “Assim, nota Wilson, era a boa acolhida que o deixava frustrado” (Pontos de vista. Crítica literária, v. 13).

O crítico Otto Maria Carpeaux, citado por Martins, observa: “O grande representante do romance carioca não foi desprezado em vida: suas obras foram registradas pela crítica, até mesmo pela acadêmica. Então e depois não lhe faltavam elogios. Mas, por motivos ainda não estudados, acabou essa precária glória justamente no momento da vitória do modernismo de que Lima Barreto fora precursor. (...) Mas, a partir de 1940, mais ou menos, a fama de Lima Barreto não cessou de crescer”.

A vendagem inicial decepcionou. Jornais viram no autor apenas o propósito de atacar certos jornalistas, de identidades facilmente descobertas, e, também, o jornal *Correio da Manhã*, chamado de *O Globo*, que o banira, embora em 1905 houvesse escrito reportagens para o órgão, sem assinatura, sobre os subterrâneos do Morro do Castelo.

Mirando-se o caso Lima Barreto, já se observou que a cor da pele não barrou as ambições de tantos outros vultos brasileiros, negros ou mulatos. A observação nos lembra fala de personagem de F. Scott Fitzgerald na abertura de *O grande Gatsby*: “Em meus anos mais juvenis e vulneráveis, meu pai me deu um conselho [de] que jamais esqueci: sempre que você tiver vontade de criticar alguém – disse-me ele –, lembre-se de que criatura alguma neste mundo teve as vantagens de que você desfrutou.”

Ao crítico Esmaragdo de Freitas, que elogiara o *Isaías Caminha*, escreveu: “...*dada a minha obscuridade nativa e também (para que não dizer) a minha cor, se o meu livro não fosse capaz dele (sic) mesmo por si romper caminho, não seriam os nossos amigos dos jornais que haviam de ajudá-lo a fazer [...] O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas, batido, esmagado, prensado pelo preconceito (...)*”.

“Doutor, como passou? Como está, doutor?”

Ao contrário de seu criador, Isaías sonha com um diploma: “*Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo [ilimitado] de minha cor ... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. (...) ah! Doutor! Doutor... Era mágico o título (...) Oh! ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-entanha [sapo-boi] (...) andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor... Era sobre-humano!*” (Lima Barreto. *Prosa seleta*).

No citado prefácio, Olívio Montenegro afirma que um complexo exacerbou nele a consciência do seu próprio eu, “*da sua cor de mulato, o complexo da origem humilde, e que vai se agravar com o tempo e a nova sociedade de depois do Império*”. Cultivou-o “*como uma arma de vingança. Não imitou Machado de Assis, mulato e escritor como ele, mas que conseguiu uma superioridade aristocrática na sua vida e na sua obra que lhe refinara a cor e o nome*”.

“Estudantada” de risco para um mulato

Nicolao Ciancio, colega de escola e companheiro de quarto dele, relatou a Francisco de Assis Barbosa uma “*brincadeira*” de alunos da Politécnica. Certa noite, sem uma aula, pularam o muro do Teatro Lírico para assistir à ópera *Aída*. Menos ele. Depois, perguntou-lhe por que não fora. “*– Para não ser preso como ladrão de galinhas*”, pois “*preto que salta muros à noite*” só pode ser isso. “*– E nós, não saltamos?*”, indagou Nicolao. “*Ah! Vocês, brancos, eram rapazes da Politécnica. Eram acadêmicos. Fizeram uma ‘estudantada’. Mas, eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro logo pela polícia. Seria o único a ser preso*”.

Loucura do pai teria afetado a obra do filho

O romancista José Lins do Rego, no artigo *Biografia de Lima Barreto*, diz que, sondando as fontes dos desajustamentos do “*pobre homem escravo do vício de beber, possuído de certos rancores contra a vida*”, o biógrafo apontou como ponto crítico de sua desventura maior “*o momento terrível da loucura do pai*”, que imaginava o filho “*redentor da sua condição humilde e triste de mulato. O pai vencido, derrotado, aos gritos, com a cabeça avariada, nos silêncios da ilha, teria provocado no filho*

“Não imitou Machado de Assis, mulato e escritor como ele, mas que conseguiu uma superioridade aristocrática na sua vida e na sua obra que lhe refinara a cor e o nome.”

(...) *aquele terrível mal secreto que foi uma espécie de raiva contra sua própria condição de mestiço*”. Ele teria “*envenenado as nascentes líricas da maior vocação de romancista de nossas letras (...) Derrotou-se, num verdadeiro suicídio, degradando-se num vício que foi a sua ruína física e a desagregação da obra monumental que realizaria*” (Dias idos e vividos).

“Vocação irresistível para as letras”

O escritor Alceu Amoroso Lima publicou, na primeira edição de *O Jornal*, de 17 de junho de 1919, sua primeira crônica como Tristão de Ataíde. No dia seguinte, o primeiro autor de quem se ocupou com o pseudônimo foi Lima Barreto, diz no prefácio da edição do Gonzaga de Sá, de 1956. Ele “*vinha do fundo do povo carioca e vivia perdido no meio dele. Tinha uma vocação irresistível para as letras. Sua participação na vida literária vinha impregnada de paixão pela verdade (...), de ternura pelo sofrimento alheio, de nítida consciência das vaidades ridículas dos senhores da vida e do drama obscuro dos esmagados por ela (...)*”

Acrescenta que “*não há obra mais moderna, mais atual, do que a obra desse mestiço genial*”, e que, quando saiu o

Gonzaga de Sá, 1919, o autor “já vivia pelas ruas e cafés da cidade, nem sempre em linha reta, da sua cidade que aliás tanto amou, a mostrar, nas faces prematuramente envelhecidas, o sinal de uma vida tão dolorosa como fora a de um Cruz e Sousa (...)”.

Continuando, Tristão diz ser inimaginável “vida literária e social mais humilde, mais apagada, mais adversa” (...). Nada o ajudou a subir, nem nome, nem proteção, nem fortuna, nem situação, nem mesmo o talento. Viveu, de cada janeiro a cada dezembro, a vida suburbana mais triste e cotidiana que é possível imaginar (...). Foi sempre um pária social e nada fez para sair desse seu trágico isolamento. Foi(...)um autêntico ‘vencido da vida’ (...).

“Nunca teve uma mulher que o amasse...”

Ele foi, “no mais puro sentido da palavra, um Pobre. Tudo o que a pobreza tem de mais doloroso ... Lima Barreto o teve (...) Sua existência foi sempre a de um homem solitário e esquecido (...) Foi sempre, desde menino, o homem para quem as menores coisas da vida são difíceis, para quem nunca houve mesa farta, cama macia, dias despreocupados, festas. (...) nunca conheceu a doçura dessa palavra – férias (...) Toda sua vida foi (...) uma negação das alegrias mais justas. Nunca teve um lar tranquilo. Nunca teve estudos fáceis. Nunca teve bons ordenados. Nunca teve uma mulher que o amasse, nem filhos que lhe continuassem o nome. Nunca teve nem ao menos, em vida, a doçura de provar a glória que só a morte e a posteridade lhe iam trazer”.

Ele foi, “no mais
puro sentido
da palavra, um
Pobre. Tudo o que
a pobreza tem de
mais doloroso...
Lima Barreto
o teve (...).”

Burocracia inspirou personagens

Em 1903, mal remunerado pelos escritos na imprensa e tendo de assumir, aos 21 anos, a chefia da família, dada a súbita loucura do pai, ingressou por concurso no serviço público, como amanuense da Secretaria do Ministério da Guerra, e foi morar no subúrbio de Todos os Santos, com ele, os três irmãos, Prisciliana (a criada, depois companheira do pai), os três filhos dela e um velho africano agregado, o Manuel Cabinda, a quem o menino Afonso conhecera na ilha como alienado, tornando-se amigos.

Sofreu diretamente as vicissitudes da vida burocrática ao tentar “liquidar” a aposentadoria do pai (receber as verbas já reconhecidas), tantas e tão incabíveis eram, para ele, as exigências feitas. Os entraves burocráticos inspiraram tipos modulados em funcionários, como Xisto Beldroegas, do *Gonzaga de Sá*. “Depositário das tradições contenciosas da Secretaria dos Cultos, tinha “necessidade intelectual” de tudo fixar em papel oficial. “Apaixonado pela legislação cultural do Brasil, vivia obsedado com os avisos, portarias, leis, decretos e acórdãos”. Sofreu pequena crise de nervos, por não achar “disposição fixando o número de flechas que atravessam a imagem de São Sebastião”, o padroeiro do Rio de Janeiro.

“Sei bem que não dou para a Academia”

Embora atacasse literatos e a Academia Brasileira de Letras, por três vezes, entre 1917 e 1921, pleiteou uma cadeira na ABL. Derrotado na primeira (teve apenas dois votos), requereu de novo. Desconsiderado o pedido, por não obedecer aos cânones acadêmicos, renovou-o, mas desistiu, por motivos íntimos. Numa carta ao escritor Monteiro Lobato, editor do *Gonzaga de Sá*, explicou-se: “Sei bem que não dou para a Academia e a reputação de minha vida urbana e suburbana não se coaduna com a sua respeitabilidade. De motu proprio, até, eu deixei de frequentar casas de mais ou menos cerimônia – como é que eu podia pretender a Academia? Decerto, não” (Lima Barreto. *Prosa seleta*).

Segundo Agrippino Grieco, numa noite ele entrou na academia, onde era recebido o acadêmico Alcides Maya [seu amigo], e, “derribando cadeiras, interpellando um ouvinte, fazendo um barulho dos diabos, interrompeu a saudação do Rodrigo Otávio ao ficcionista gaúcho”. Concordou em sair, mas o fez dizendo desaforos contra o orador. Disseram-lhe que nada ouvira deste. Respondeu não ser preciso, pois “se a coisa vem do Rodrigo Otávio, é besteira pela certa”.

“Aterra esse mar e mata essas gaivotas”

Com amigos do tempo da Politécnica e os do serviço público, integrava a confraria “*Esplendor dos Amanuenses*”. Reuniam-se no Café Papagaio, perto da estreitíssima e sofisticada Rua do Ouvidor, debatiam política, literatura, criticavam a imprensa. Liderava novos autores, aconselhava-os, comentava seus livros, nos jornais, revistas, cartas.

No prefácio de edição do *Isaías Caminha* de 1943, Eloy Pontes afirma que, no auge do chope, ele reunia os amigos

numa confeitaria humilde de Todos os Santos, chamando-a de “Colombo”, para imitar a casa da moda na “cidade”, como chamavam o centro do Rio. Um dos novos lá apareceu, querendo ler seu conto. Ouviu-o e, ao final, aconselhou-o: “Menino, aterra esse mar e mata essas gaivotas. (...) Quando você principiar a escrever, tome um trem aqui, viaje até à Central, de segunda classe, e terá assunto, não para um pequeno conto apenas, mas para um livro de muitas páginas”.

Na crônica *Uomo finito [homem acabado]*, de 1952, reproduzida em *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, o jovem jornalista Austregésilo de Athayde, que viria a presidir a ABL, conta que, em 1919, ao chegar ao Café São Paulo para se encontrar com Lima Barreto, ele já estava sentado na última cadeira do fundo. Demorara por causa do muito serviço no jornal. O escritor comentou: “Jornal só serve para os diretores (...) Procure outra profissão. Já lhe tenho aconselhado várias vezes, que deve ir para o funcionalismo. Faça como o Machado [de Assis], o [Olavo] Bilac e o [Coelho] Neto. Todos andaram por jornal, mas assim que puderam, montaram no cargo público, para viver mansamente”.

Na saída, queixou-se de “umas dores de cabeça”. Confidenciou não ter medo de morrer, “contingência inelutável”. Tolstói “morrera tristemente”, “com pneumonia, quase sozinho depois da fuga” [de sua própria casa e da mulher], e disse que gostaria de ter escrito *Guerra e paz*. Detiveram-se um pouco na esquina da Rua do Ouvidor, para a despedida. Antes de partir, o escritor lhe pediu que não desse importância às suas “impertinências” e nunca o tomasse como exemplo: “Uomo finito...”

Teve só uma namorada, aos 16 anos

“Casado” com a literatura – como escreveu em *O destino da literatura*, conferência que faria em São José do Rio Preto, São Paulo – “aparentemente não teve nenhuma relação amorosa mais duradoura”, diz Lília Moritz Schwarcz na biografia *Lima Barreto – Triste visionário* (2017), obra que não existiria, diz ela, sem a pioneira de Francisco de Assis Barbosa, ambas preciosíssimas fontes de consulta para este texto. Acrescenta que “não se conhecem histórias de amores assumidos nem de namoradas fixas; comentava em seu *Diário* que tivera apenas uma, aos dezesseis anos”.

A biógrafa informa, no entanto, que na revista *Carioca*, o escritor H. Pereira da Silva [autor de *Lima Barreto escritor maldito*] afirma que ele teria acalentado uma única relação mais duradoura com Leonor, mulher branca, que lhe correspondeu no afeto. Pediu-a em casamento. A família negou. Logo atribuiu a rejeição à sua cor.

No *Diário*, o escritor diz ter ido à casa de um amigo. Só estava a amante. “Em começo, tive uma alegria de devasso – quem sabe? – que passou depressa e felizmente. Ela sentou-se na minha frente. Fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e até hoje não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós”. Acrescenta que quando a “infame cerveja” o levava a procurar mulheres [nas “casas da vida”], de lá saía “perfeitamente aborrecido”.

Sobre moça avistada na rua, anotou: “Querida para minha mulher. Mas eu... Ah!, meu Deus! Há de ser sempre isso”. Vinha-lhe ocorrendo coisa curiosa: “Na rua, nos bondes, nos trens, eu me interessei por certas moças e às vezes por cinco minutos chego a amá-las. Procuo-lhes a moradia. Passo duas, três vezes pela porta timidamente, ‘gauchamente’ – onde me levaria isso? Toma tento, Afonso! Não te precipites. Olhe bem. ‘Nosce te...’ [conhece-te a ti mesmo].”

“Ela sentou-se na minha frente. Fumei desesperadamente e conversei. Nunca estive tão bem. Tenho vinte e seis anos e até hoje não me encontrei com uma mulher de qualquer espécie de maneira tão íntima, de maneira tão perfeitamente a sós.”

A bebida, lenitivo, “há de matá-lo lentamente”

Francisco de Assis Barbosa observa que a bebida, seu lenitivo, haveria de “matá-lo lentamente”. No início, quando entrou na Secretaria de Guerra, “*servia-se do chope, da cerveja, do uísque. Agora, porém, o dinheiro rareava. Para atordoar-se e esquecer a amargura, recorria à cachaça...eu a bebia desbragadamente – confessa – a ponto de estar completamente bêbado às nove ou dez horas da noite. De frequentador de cafés, tornar-se-á, com o tempo, um boêmio de botequins, embriagando-se todos os dias, esbodegado e sujo, quase um trapo humano*”.

O escritor andava sempre malvestido – roupas surradas, sapatos cambados. Dizia ser sua “pose”. O biógrafo afirma que, “*nos últimos anos (...) tresandando a cachaça, fazia questão de aparecer na Rua do Ouvidor, misturando os seus andrajões com as roupas da última moda dos almofadinhas e melindrosas. Já se incluía então na parte proscribida da população. Queria com isso personificar o seu protesto ao vivo contra os donos da vida*” (Lima Barreto. *Prosa seleta*).

Em 5 de setembro de 1917, anota no *Diário*: “*No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati (...) Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo. (...) Voltei para a casa, muito a contragosto, pois o estado de meu pai, os seus incômodos, junto aos meus desregramentos, tornam-me a estada em casa impossível. Voltei, porque não tinha outro remédio*”. Em 20 de março de 1915 anotou: “*A minha casa me aborrece. Meu pai delira constantemente e seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare*”.

De madrugada, a loucura paterna

João Henriques enlouqueceu em 5 de fevereiro de 1902. Na véspera de ir da ilha ao Rio, para a festa de N. S. da Glória, de quem era devoto, despediu-se normalmente dos filhos, mas de madrugada acordou aos gritos, dizendo que lá fora havia um delegado, com policiais, para prendê-lo. Aposentado em 2 de março de 1903, não quis se internar. Viveu dezenove anos em casa, vegetando. Nas crises agudas, seus gritos ecoavam na rua. Por isso, chamavam de “*a casa do louco*” a do sítio do Carico, na Rua Boa Vista, 76, hoje Elisa de Albuquerque, em Todos os Santos.

A origem do desequilíbrio mental, além da morte prematura da esposa, fora a pequena diferença que detectara no livro-caixa das Colônias e consequente pedido de apuração de irregularidades, feito pelo *Jornal do Brasil*. Esforçou-se, mas não logrou achar o erro. Escrupuloso, temia ser injustamente acusado de desfalque. No entanto, a comissão de investigação nada apontou de irregular, disse o biógrafo, atribuindo a delírio o seu temor.

Faleceu em 3 de novembro de 1922, dois dias depois do filho, sendo enterrado na mesma campa deste, no Cemitério São João Batista, incumbindo-se das despesas de ambos os funerais José Mariano Filho, amigo do escritor, como era costume na época. Na inscrição, “*Lima Barreto e seu pai*”. Só.

Levado ao hospício em carro-forte

Mesmo detestando a repartição, Lima Barreto permaneceu 14 anos como funcionário, sem promoções, gozando algumas prolongadas licenças para tratamento de doenças, quase todas ligadas ao alcoolismo. Por duas vezes foi internado no Hospício Nacional dos Alienados, na época também destinado a dipsomaniacos. Uma vez, o irmão Clarindo, que era da Polícia, usou um carro-forte de transporte de presos para levá-lo da casa de um tio, em Guaratiba, onde estava após violenta crise, para a Praia Vermelha, o que o amargurou muito, mas lhe inspirou o conto *Como o homem chegou*.

Em 1921, aos 40 anos, a convite do médico e escritor Ranulfo Prata, a quem conhecera no hospício, foi recuperar a saúde em Mirassol, São Paulo. Convidado para fazer conferência em São José do Rio Preto, cidade próxima, aceitou, e, para ganhar coragem, bebeu, mas se excedeu e não teve condições de pronunciá-la: foi encontrado desfalecido numa rua de Mirassol. O texto preparado, “*O destino da literatura*”, é considerado seu testamento literário.

Escreveu sobre quase tudo e não se omitiu

Ele escreveu sobre quase tudo. Condenava o racismo, o estrangeirismo, os costumes da elite endinheirada de bairros como Botafogo, Laranjeiras, Petrópolis, o futebol (chegou a criar uma liga nacional contra o esporte “*dos trancos e pontapés*”, mas a iniciativa não passou de notícia de jornal), a mulher funcionária, a violência contra a mulher, a República, a ABL, os próprios literatos.

No artigo *Não silenciou sobre o seu tempo*, Osman Lins observou: “*Embora, na grande maioria dos casos, sua opinião seja correta, nem sempre – claro – concordamos com ele. E isto, ao invés de diminuir o significado da sua atitude, valoriza-a ainda mais: Lima Barreto (coisa rara em quem publica!) não quer parecer sábio e infalível. O que ele teme é silenciar, omitir-se. Não será isto, nos dias que correm, uma importante lição sobre a qual meditar?*” (*Do ideal e da glória*).

Triste fim de um patriota ingênuo e puro

Triste fim de Policarpo Quaresma, considerado obra-prima, retrata um patriota ingênuo e puro que pregava a volta do país às suas raízes mais autênticas e sonhava salvá-lo dos corruptos. Foi ridicularizado por requerer ao Congresso a adoção do tupi-guarani como língua oficial e nacional do país, substituindo o emprestado português, que já tinha seu dono, argumentou. Inadmitia qualquer inovação importada. Fracassou na aplicação de suas inusuais ideias agrícolas no seu sítio. Entrou no Exército como voluntário, foi preso como bandido, traidor das instituições republicanas. Antevendo o trágico fim, o Major Quaresma, em solilóquio, temia morrer na mesma noite da prisão, sem nada ter feito de sua vida, a não ser estudar a amada pátria, em busca de sua felicidade. “*Agora que estava na velhice, como ela o recompensava (...) como ela o condecorava? Matando-o*”.

Policarpo Quaresma é o romance mais traduzido (checo-eslovaco, espanhol, francês, inglês, romeno, polonês). Isaías Caminha (checo-eslovaco, francês, espanhol, russo). *Gonzaga de Sá* (francês, inglês), *Clara dos Anjos* (inglês). Os contos *O homem que sabia javanês* e *A nova Califórnia* também foram traduzidos. É volumosa a fortuna crítica da obra do escritor.

Outras obras

Numa e a Ninfa, *Clara dos Anjos* e *Gonzaga de Sá*, romances, este menção honrosa da ABL em 1919; *História e sonhos*, contos; *Impressões de leitura*, crítica; *Diário íntimo*, *Diário do hospício* e o romance inacabado *Cemitério dos vivos*, frutos de sua convivência com loucos da ilha, na infância, depois como interno do Hospital Central do Exército, tratando-se de fratura da clavícula; *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambon*, sátiras; *Feiras e mafuás*, *Marginália*, *Vida urbana* e *Bagatelas*, crônicas; contos, e *Correspondência ativa e passiva*, em dois tomos. Somam 17 volumes as *Obras de Lima Barreto*, da Editora Brasiliense, organizadas em 1956 por seu biógrafo, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença e prefácios de renomados críticos.

Coelho Neto, que era criticado por Barreto, disse que ele “não era uma das figuras comuns que desaparecem com a morte, mas uma dessas resistências que avultam e impõe-se acima do túmulo, como um pedestal [...]”

Enfermidades e internações

Aposentou-se via decreto de 26 de dezembro de 1918, por motivo de saúde (epilepsia tóxica). O historiador Jácomo Mandatto afirma que ele ficou doente aos 25 anos; teve impaludismo aos 29; reumatismo poliarticular e hipercinesia cardíaca aos 31; neurastenia aos 33; epilepsia tóxica e fratura da clavícula aos 37; foi internado pela segunda vez no hospício aos 39, sendo a morte causada por uma gripe torácica e colapso cardíaco aos 41 (*Suplemento Literário*, do *Minas Gerais*, n. 664, de 23 de junho de 1979).

A última viagem de trem pelo amado subúrbio

Lima Barreto morreu em 1º de novembro de 1922, às 17 horas, em casa, deitado, tendo à mão exemplar da *Revue des deux mondes*. Embora muito criticado pelo escritor, o romancista Coelho Neto – “o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual” – escreveu, segundo o biógrafo, que Lima Barreto “não era uma das figuras comuns que desaparecem com a morte, mas uma dessas resistências que avultam e impõe-se acima do túmulo, como um pedestal, e ficam eternas, representando o espírito de uma época e a glória de um povo”. Para o biógrafo, assim começou a sua consagração. (*Lima Barreto. Seleta em prosa*).

O sepultamento, no dia 2, de Finados, foi descrito por Eneas Ferraz, autor do romance *História de João Crispim*, personagem mulato inspirado em si mesmo e em Lima Barreto. Na crônica *A morte do mestre* (*O País*, 20 de novembro de 1922), evocada pelo crítico Antonio Arnoni Prado em Lima Barreto: uma radiografia literária, Ferraz relata:

“À tarde, o enterro de Lima Barreto saiu, levado lentamente pelas mãos dos raros amigos que lá foram. Mas, ao longo das ruas suburbanas, de dentro dos jardins modestos, às esquinas, às portas dos botequins, surgia a cada momento, toda uma foule (multidão) anônima e vária, que se ia incorporando atrás de seu caixão, silenciosamente. Eram pretos em mangas de camisa, rapazes estudantes, um bando de crianças da vizinhança (muitos eram afilhados do escritor), comerciantes de bairro, carregadores em tamancos, empregados da estrada, botequeiros e até borrachos [bêbados], com o rosto lavado em lágrimas, berrando (...) o nome do companheiro de vício e de tantas horas silenciosas, vividas à mesa de todas essas tabernas...”

Assim chegou à plataforma da pequena estação de Todos os Santos, onde o corpo ficou meia hora à espera do trem. “Depois, dentro do vagão mortuário, o autor de Isaías Caminha atravessou pela última vez aquele subúrbio que ele conhecia e amava – todo o subúrbio da sua obra”.

Na gare da Central, outros amigos o esperavam, poucos, mas sinceros. “Posto o caixão em um carro fúnebre de terceira classe, dois a três ramos de flores aos cantos, e o enterro partia, seguido do seu pequeno cortejo, a caminho do São João Batista [em Botafogo], onde Lima Barreto queria ter a sua cova, que foi toda a sua vaidade. Nunca viveu entre os bairros aristocráticos, nem nunca foi recebido em seus salões, mas quis dormir o seu sono imortal no cemitério de tão belos mármores, entre a fidalguia simples dos altos ciprestes”.

Subúrbio, “o refúgio dos infelizes”

Eloy Pontes afirma que *“quando alguém tiver de reconstituir panoramas dos subúrbios cariocas, aspectos e personagens que os caracterizaram, a história melancólica dos que vivem contando tostões e correndo atrás do bonde e do comboio, à hora do trabalho tirânico e dos contágios nos carros de segunda classe, há-de recorrer aos romances de Lima Barreto”*.

Tratando de *Clara dos Anjos*, seu “romance mais suburbano”, a crítica Lúcia Miguel Pereira disse que ele amava *“aquelas torvas ruas”,* aqueles chalés humildes, *“amava aqueles hábitos ronceiros [lentos] - o ajantarado dominical, o solo jogado com parceiros certos, as conversas na venda, o fraco pelo violão e pelas modinhas – justamente por serem ronceiros, por se ajustarem ao feitio da população que mora nos arredores da cidade como se estivesse em plena província (...) Era toda uma sociedade que ali via agitar-se, composta de elementos disparatados:*

São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia-a-dia, em que ganha penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem...” (Lima Barreto. Prosa seleta).

“Clara! Engrácia! Café!”

Há 41 anos, no *Suplemento Literário*, do *Minas Gerais*, nº 767, de 13 de junho de 1981, afirmamos que ele fizera do cenário suburbano como que um personagem. Destacamos cena da vida doméstica suburbana, colhida em *Clara dos Anjos* – o costureiro jogo dominical de solo na casa do carteiro Joaquim dos Anjos, casado com Engrácia, pais de Clara dos Anjos, mulata seduzida e desprezada por um branco, Cassi, também suburbano, que se julgava

superior: *“Seus amigos chegavam pelas nove horas e se dirigiam ao quintal ... pelo corredor entre ela e a casa vizinha. Sob o tamarineiro do quintal a mesa já estava armada, com baralho e o mais necessário e tendo ao centro um cálice e um litro de parati. Ficavam jogando horas e horas, esperando o ajantarado, quase sempre servido na hora do jantar habitual. Bebericavam e (...) de quando em quando, mas sem grandes espaços, Joaquim gritava para a cozinha: - ‘Clara! Engrácia! Café!’ De lá respondiam, com algum amuo na voz: - ‘Já vai!’”*

A poesia de um palacete suburbano em ruínas

Em texto saudosista de rara beleza, ora extraído de Prosa seleta, Isaías evoca um palacete suburbano antigo em ruínas, transformado na casa de cômodos em que ele havia morado, em Rio Comprido, porque o aluguel era mais barato:

“O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada, e que davam (...) sombras às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o ritmo do canto de saudades que a velha casa suspirava(...);

Houve noites em que como que ouvi aquelas paredes falarem, recordando o fausto sossegado que tinham presenciado, os cuidados que tinham merecido e os quadros e retratos veneráveis que tinham suportado por tantos anos. Lembrar-se-iam certamente dos lindos dias de festa, dos casamentos, dos aniversários, dos batizados, em que pares bem postos dançavam entre elas os lanceiros e uma veloz valsa à francesa. À noite, quando entravam aqueles cocheiros de grandes pés, aqueles carregadores suados, o solo gemia, gemia particularmente, dolorosamente, angustiadamente... Que saudades não havia nesses gemidos dos breves pés das meninas quebradiças que o tinham palmilhado tanto tempo!”

Referências bibliográficas

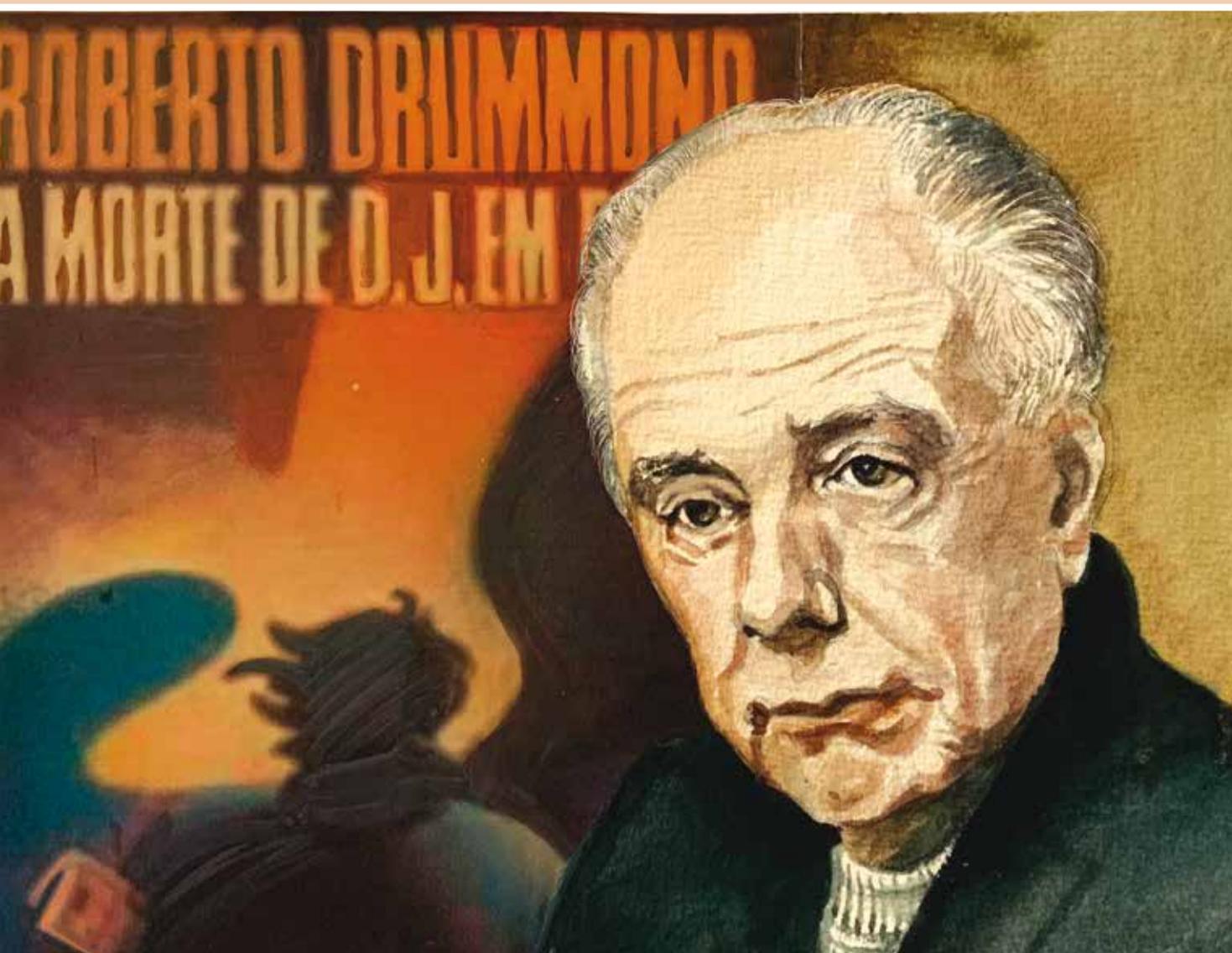
OBRAS DE LIMA BARRETO

- *Lima Barreto: prosa seleta* (vol. único). Org. e introd. de Eliane Vasconcellos. Inclui *Isaías Caminha, Policarpo Quaresma, Nuno e a ninfa, Gonzaga de Sá, Clara dos Anjos, Os Bruzundangas, Coisas do reino do Jambon; História e sonhos, Diário íntimo, Cemitério dos vivos*. RJ: Nova Aguilar, 1ª. ed. em 2001 e 3ª. impressão em 2008;
- *Diário íntimo*. São Paulo: Editora Mérito S.A., 1953;
- *Feiras e mafuás*. SP: Editora Mérito S.A., 1953;
- *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, 3ª. ed. RJ: O livro de bolso, 1943;
- *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, 2ª. ed. SP: Penguin/ Companhia das Letras, 2010;
- *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*. SP: Brasiliense, 1956;
- *Correspondência ativa e passiva*, t. I, SP: Brasiliense, 1956;
- *Lima Barreto: uma autobiografia literária*. Org.: Antonio Arnoni Prado. SP: Editora 34, 2012;
- *Lima Barreto: Impressões de leitura e outros textos críticos*. Org.: Beatriz Resende. SP: Penguin Classic/Cia. das Letras, 2017.

OUTRAS

- *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*, 10ª. ed. Francisco de Assis Barbosa. RJ: José Olympio Editora, 2012;
- *Lima Barreto: triste visionário*. Lilia Moritz Schwarcz, SP: Companhia das Letras, 2017;

- Estudos literários. M. Cavalcanti Proença. RJ: José Olympio Editora – Brasília: Instituto Nacional do Livro (MEC), 1974;
- *Austregésilo de Athayde. O século de um liberal*. Cícero Sandroni e Laura Constância A. de A. Sandroni. RJ: Agir, 1998;
- *Pontos de vista*, t. 13 (Crítica literária), (1991/1992/1993/1994). Wilson Martins. SP: T.A. Queiroz, Editor, 1997;
- *Do ideal e da glória – Problemas inculturais brasileiros*. Osman Lins. SP: Summus Editorial, 1977;
- *Dias idos e vididos (Antologia de José Lins do Rego)*. Org. e crítica: Ivan Junqueira. RJ: Nova Fronteira, 1981;
- *Memórias de Agrippino Grieco*, 2º vol. – Rio de Janeiro I. RJ: Conquista, 1972;
- *A autoridade do malogro*. Ledo Ivo. Cultura, Estado de S. Paulo, 10-maio-1981;
- *Lima Barreto – Contribuição bibliográfica*. Jácomo Mandatto. (*Suplemento Literário*, do *Minas Gerais*, n. 664, de 23-junho-1979);
- *Lima Barreto fez dos subúrbios um personagem*. *Suplemento Literário*, do *Minas Gerais*, n. 767. Gutemberg da Mota e Silva. Belo Horizonte, 13-junho-1981.



O cheiro Drummond

Amaury Silva

Juiz de Direito em Governador Valadares

Cogitando-se o nome Drummond, é automática a evocação ao poeta Carlos de Itabira, principalmente nascido naquela cidade. Mas, a condição literária do olfato serve para dizer de Roberto, outro Drummond, primo distante daquele que recebeu a seráfica recomendação para ser *gauche* na vida.

O escritor transitou pela literatura *pop*, com temas diretos, coloquiais e sem apego a uma forma sofisticada e por um período de elaborações mais densas em romances pós-modernos. Há um cheiro drummondiano que impregna toda a sua obra. Não se trata apenas da sensação física do odor, que por sinal tem alguns aromas próprios, como o cheiro do psicodélico no carnaval (lança-perfume) em *Sangue de Coca-Cola* (1985), o uísque dos tios e a plenitude da capacidade olfativa de Inácia Micaela, que, cega, especula o cheiro da noite, de Deus, em *O Cheiro de Deus* (2001).

O cheiro drummondiano é um olhar direcionado à inserção do mundo real em arrumações fictícias para dar conta de exibir as contradições, os dilemas, as violências, o autoritarismo e as contingências da vida que conspiram contra a alegria de estar nesse mundo. Não se trata de um recurso sinestésico. Roberto Drummond promove a captação da sinergia entre o mundo feito e do fantástico, porque não se limita ao visual.

Suas imagens são de arquitetura olfativa, resultante do diálogo entre o diverso: o concreto e o abissal. Só assim é possível reproduzir na literatura a herança da Arte Pop. Em *A morte de DJ em Paris* (1975) o conjunto de contos com camadas surrealistas oferece ao leitor a ideia do desejo de transposição de realidades, como expressado no conto homônimo, DJ quer sair do tempo clandestino brasileiro (ditadura) para o tempo azul francês, onde também procura o encontro com a mulher azul, protótipo da perfeição.

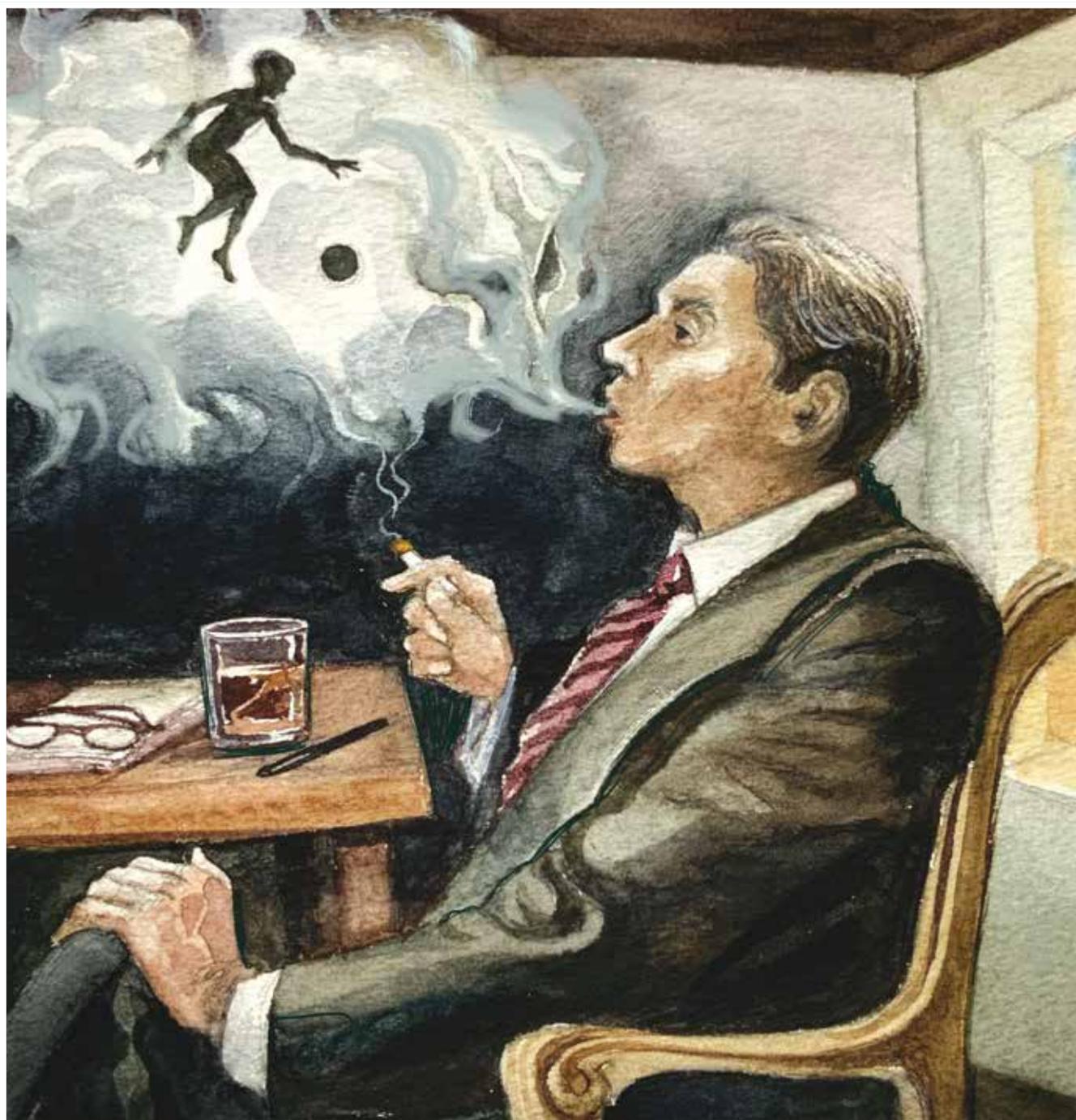
Seria essa mesma mulher que o protagonista do conto *Isabel numa quinta feira* procura ao se aglomerar com vários outros homens em uma praça, para contemplar aquela que tem o andar de Ava Gardner? A resposta cabe ao leitor de Drummond seguindo o ritual de aperfeiçoamento das células olfativas.

Nos contos de *Quando fui morto em Cuba* (1982) e no romance *Hitler manda lembrança* (1984) uma interface do pop com a construção lúdica da visão crítica constitui marca proeminente do sensorial. No primeiro encadeia-se a estrutura ficcional das narrativas a partir da organização de um jogo de futebol (com seus dois tempos e o intervalo). Naquela obra, o erótico e o caos político social que não inibem a corrosão definitiva da existência pela morte são elementos que o autor busca na compleição da comunicação de massa.

A narrativa completa é revelada pelo aroma de uma mistura sincrética no plano filosófico, formada por componentes

“O cheiro drummondiano é um olhar direcionado à inserção do mundo real em arrumações fictícias para dar conta de exibir as contradições, os dilemas, as violências, o autoritarismo e as contingências da vida que conspiram contra a alegria de estar nesse mundo.”

globais na perspectiva de que os males existenciais são mesmo os miasmas formados pela guerra, ditadura, nazismo, desigualdades e, sobretudo, a *Shoah*, que talvez jamais nos abandone. Em tempos obtusos, visitar ou conhecer Roberto Drummond é exercício que valida a concepção benéfica de que a arte é sempre a vanguarda que prospecta a liberdade.



Fim de tarde

José Aparecido Fausto de Oliveira

Juiz de Direito em Araxá

Deixou cair a caneta, estava exausto. Os papéis a seu lado pareciam querer devorá-lo e não enxergava mais as letras. De fato, estava exausto.

Levantou o semblante e constatou que o dia se fora. Só, naquele local, sequer contemplou o sol (ou será que choveu?), o trabalho inundou-o dia afora e só mesmo a exaustão o fez se lembrar de que há vida.

Pensou em acender um cigarro (ou que tal um charuto?), entretanto não fumava, então por que a ideia de fumar?

Escurecera e apenas um feixe de luz invadia o espaço pela janela às suas costas.

Deveria se levantar e acender a lâmpada, mas permitiu-se ficar; de repente percebeu que não fazia diferença a iluminação ou a ausência dela.

Um uísque, sim, precisava de um uísque, quantos anos mesmo? Não bebia uísque, assim a idade não importava.

Agora se inquietou cigarro, uísque, acaso pensava estar em um filme noir e ser um detetive particular? Um Humphrey Bogart?

Estranhou-se.

O que lhe fez desejar, naquele começo de noite, fumar e tomar uísque?

Ajeitou-se na cadeira nada ergonômica e começou a divagar como tinha sido aquele dia, que a seu termo trouxe-lhe vontades que não eram suas.

Havia se levantado a contragosto como sempre, se barbeado, tomado o café com aquelas broinhas de fubá da padaria, vestira-se e saíra. A mesma rotina semanal.

Mudara o caminho para o trabalho.

Mas, já o tinha feito antes, então aqui não estava o problema. Estava com um problema? Ora, apenas se sentira exausto e com vontade de fumar e tomar um uísque, nada demais.

Por que motivo estava ali ainda, então?

Por que se inquietou tanto?

Algo inusitado acontecera no escritório naquele dia, algum detalhe que lhe marcou e do qual não se lembrava, alguém o teria ofendido, desmerecido ou, ao contrário, teria recebido algum elogio?

E por que tantas perguntas? Teve vontade de fumar e tomar um uísque, só isso, cometera, porventura, um crime ou uma imoralidade?

Resolveu levantar-se e acender a lâmpada, agora estava em plena escuridão.

Pronto. Luz acendida. Olhou a sala silenciosa e vazia de outros viventes e não é que avistou um maço de cigarros? Provavelmente já o teria visto e o inconsciente lhe provocara o desejo para que se lembrasse daquele maço de cigarros que havia sido esquecido na estante próxima à entrada da sala.

Resolveu experimentar. Era adulto e como nunca fumara antes, não ia ser um cigarro a lhe causar qualquer das doenças que agora estampam os maços.

Procurou fósforos, por óbvio consigo não os tinha. Foi até os cigarros e junto deles havia um isqueiro. Tomou-os e retornou à sua mesa.

Sentou-se e colocou as pernas cruzadas em cima da mesa. Pegou um cigarro, colocou-o à boca e o acendeu. Saía fumaça, foi o que pensou, e até que era boa a sensação de sugar e soltar a fumaça, não fazia ideia se estava a tragar.

Olhando a fumaça, viu-se menino, correndo em um campo de futebol.

Tivesse um celular, haveria fotos da ocasião.

Mas a vida nem sempre nos proporciona um celular quando precisamos.

Continuou com o cigarro e as lembranças de jogar futebol.

Os meninos não deviam crescer, deviam continuar a jogar futebol.

O cigarro já acabara, percebeu porque viciava e decidiu não colocar mais nenhum em sua boca.

Agora faltava o uísque.

Será que havia algum no escritório?

Procurou, e acabou por contentar-se com uma Coca-Cola que estava na geladeira.

Inevitável foi não lembrar, naquela esfera de nostalgia, das garrafas de vidro da Coca-Cola® média como era chamada e da família, a garrafa de um litro.

Coca-Cola® família era marca registrada nos domingos de macarrão com frango no almoço na casa dos avós. Havia uma mesa separada para as crianças. Engraçado, será que era porque não cabiam todos à mesa ou porque as crianças comiam primeiro? Talvez fosse para que não ouvissem a conversa dos adultos.

Soubessem que os adultos só conversam coisas chatas, iria querer sentar-se à mesa das crianças, sempre.

Só que era uma honra sentar-se à mesa grande, era um passo na evolução familiar. Já poderia contemplar da mesma mesa, o avô na cabeceira.

Questionou se ainda existe tal tradição.

Aqueles domingos se foram há muito tempo, assim como os avós.

Avós não deviam partir, será que não sabem que devem ficar aqui, para que os meninos não cresçam?

Chorou por seus avós.

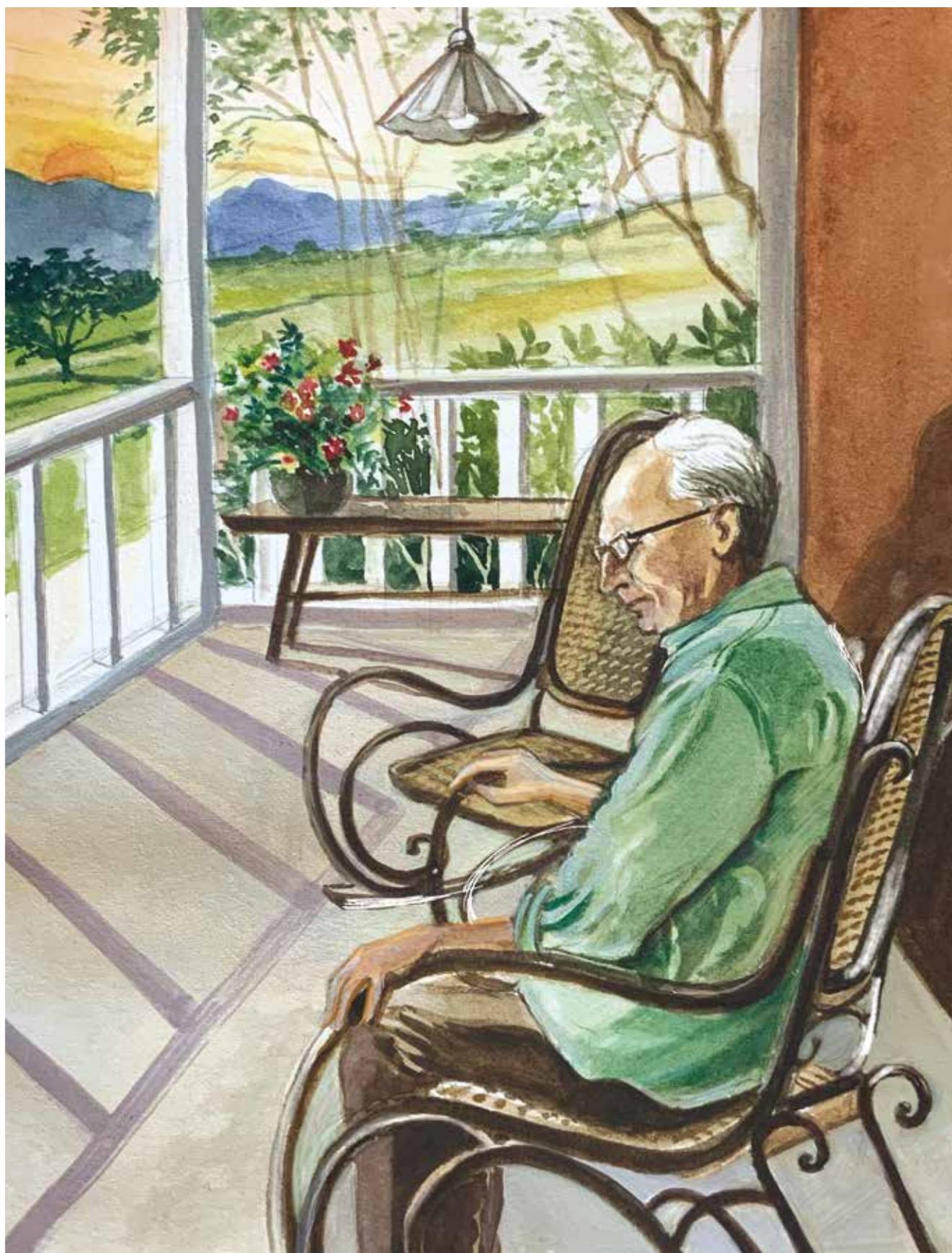
Agora precisava daquele uísque, ao menos para sentir no corpo o amargo que sentia na alma.

Terminou a Coca-Cola® e sentiu fome. Quando fora a última vez que tinha comido, naquele dia? Um café às três da tarde, com bolacha waffer de chocolate.

Chocolate, tinha adorado chocolate, hoje lhe dava azia.

Precisava ir.

Recolocou os cigarros e o isqueiro onde os encontrara, ajeitou a mesa, apagou as luzes e deixou para trás, sem explicação, o motivo de naquele dia ter desejado cigarro e uísque, se não fumava nem bebia uísque.



Sol poente

Marco Aurélio de Medeiros
Juiz de Direito do TJMG, aposentado

As velhas cadeiras de balanço ainda estavam ali na varanda do pequeno sítio, onde sempre estiveram desde que a cidade fora deixada para trás à procura da tranquilidade encontrada no lugar chamado, de comum acordo, “Sol poente”. Nome escolhido de propósito porque, de vontade, dali seria visto um último pôr do sol. Quando ocupadas, o ranger dos pés abaulados sobre o assoalho de madeira sempre era descompassado. Ora vindo de uma, outra vez de outra. O encosto e o seu assento, de palha torcida, resistiram bem ao tempo. Delas era fácil observar o pôr do sol e o nascer da lua, isto sem contar o fascínio que o céu estrelado provocava. Especialmente o Cruzeiro do Sul. Desde que mudaram, aquela deliciosa solidão, com todas as luzes apagadas, se transformara num momento mágico para olhar e refletir sobre aquela imensidão que continuava a desafiar a compreensão humana.

A varanda sempre foi o lugar certo para que relembassem todo o acontecido desde que se conheceram. Lembravam até do que vestiam no primeiro encontro – camisa bege, de manga comprida; suéter azul marinho, calça cinza claro; saia escura e uma blusa branca, de lã. De vez em quando discordavam da cor da calça ou da camisa. Concordavam, sempre, que existiu uma atração mútua que se transformou numa história bonita de amor recheada de cumplicidade. História essa, como não podia deixar de ser, recheada de alegrias e tristezas: turbulências financeiras; receios de perda do emprego, mas também repleta de satisfações pelo progresso dos filhos e netos que lhes dedicavam todo o carinho e a atenção de que precisavam quando a velhice chegou.

O “Sol Poente”, desde a primeira vez que foram até o local, os encantou. Casinha modesta, mas espaçosa bastante para os dois. Quintal com dez pés de jaboticaba, bananas, mangas ‘sabina’ e ‘itamaracá’, dois pés de goiaba, alguns pés (poucos) de guariroba, e espaço para cultivar verduras. Manga de porcos e uma pequena coberta que era utilizada para tirar leite. Mina d’água que saía debaixo de uma pequena moita de assa-peixe formava um pequeno córrego que servia bastante para o uso da casa, da horta, do mangueiro. Depois parava num minúsculo açude onde pescavam lambaris. Mas o melhor de tudo era a vista que a varanda proporcionava. Dela podiam admirar praticamente toda a propriedade. Pasto, moitas de cana, duas cabeças de gado e perto de vinte galinhas. E ainda o pôr do sol, o nascer da lua e a imensidão do céu.

Os dois cuidavam de tudo. Aguavam a horta onde plantaram couve, alface, cebolinha, tomate cereja e salsinha. No mangueiro tinham que tratar dos dois porcos. As galinhas viviam soltas e toda manhã recebiam a cota diária de milho. Tiveram que aprender a tirar leite. Com tanta coisa para fazer, o dia passava depressinha e chegava a esperada hora de sentarem nas cadeiras de balanço.

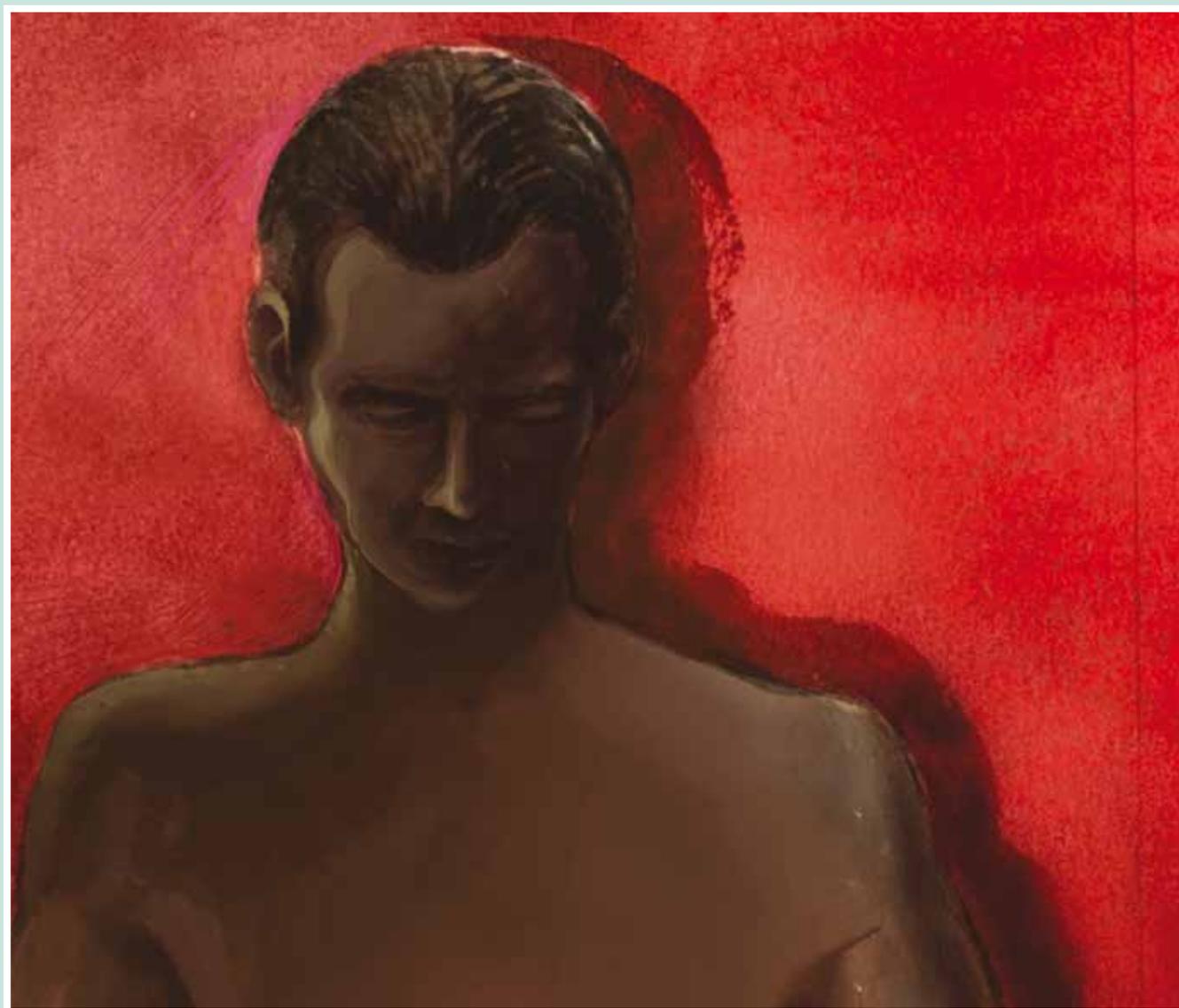
“Quem mais poderia passar longo tempo olhando para o céu silenciosamente?”

Quase todo fim de semana recebiam a visita do restante da família. No fogão de lenha a panela de ferro cozinhava sempre a galinha caipira de que todos adoravam. Angu de fubá de moinho d’água e quiabo eram acompanhamentos indispensáveis. Depois de um movimentado dia ouvindo as conversas da cidade e vendo os netos correrem e jogarem bola no quintal, sempre sobrava tempo para o sagrado ritual das cadeiras de balanço.

Com o passar do tempo, uma das cadeiras ficou vazia. Difícil foi acostumar-se com a realidade. A falta das conversas muitas vezes silenciosas, trocadas simplesmente pelos olhares, contrastava com tudo que vivenciaram naquele paraíso. Quem mais poderia passar longo tempo olhando para o céu silenciosamente? Quem mais procuraria o olhar do outro quando via uma estrela cadente, maravilhoso sinal de autorrealização e do acerto da mudança de vida que arriscaram? Divertidos eram os pedidos que sempre repetiam o desejo de aproveitarem juntos, cada vez mais, aquele momento cheio de lirismo e emoção. Não faltavam também os agradecimentos recíprocos por tudo que tinham conseguido.

Sem sucesso os esforços dos filhos para que voltasse para a cidade. Não entendiam também por qual motivo a segunda cadeira ainda permanecia na varanda. Não sabiam que, apesar da ausência, continuava sentando na mesma cadeira de balanço, levando a mão até a outra cadeira à procura de um carinho que pudesse trazer algum conforto para o vazio que sentia. Continuava relatando, silenciosamente, o que havia feito durante o dia. Sentia mais, ali sentado, a presença de quem ajudava a admirar o sol, a lua e as estrelas.

A teimosia continuava. Voltar para a cidade, jamais. Não esquecera o que havia prometido. Preocupados, os filhos passaram a ir até o sítio mais de uma vez por semana até que, determinado dia, as cadeiras estavam bem juntas. Naquela ocupada uma mão parecia ter procurado por uma outra na cadeira do lado. O sorriso nos lábios estava a dizer que no último pôr do sol, o Sol Poente, havia encontrado o que estivera procurando desde que a outra cadeira de balanço ficara vazia.



O Encontro

Sílvia Nascimento

Juíza de Direito em Três Marias

Augusto acordou desesperado. O que haviam feito com ele? Olhou ao redor: estava em uma sala vazia, com paredes vermelho-cereja. Levantou a cabeça: o teto era cereja. Tanto mau gosto. Olhou para o seu corpo: estava nu. Pensou em sentir vergonha, mas não havia ninguém. Até que poderia aproveitar um pouco disso, afinal sempre tivera vontade de ver suas vergonhas desnudas, livres de calor. E se alguém entrasse? Verdade, teria que se cobrir.

Olhou novamente ao redor. Vazio. Não havia nada. Desesperado, deixou-se tomar por desespero. Onde estava todo mundo? Parou. Pensou. Quem era todo mundo? Quem o estaria procurando? Estariam procurando por ele?

Não sabia dizer. Será que estava preso ali? Esta seria sua história? Um homem nu, preso em uma sala cereja. Que perdedor!

Instintivamente, passou a tatear as paredes, o chão. Se não encontrasse a saída seria uma prisão, então seria ele um preso. Seria essa a sua história?

Passados alguns minutos, na quina de uma das paredes havia pequena maçaneta cereja que, por ilusão de ótica, fugira-lhe dos olhos. Abriu e viu uma diminuta fresta. Olhou e pode ver que era uma abertura.

Bom, essa era a saída. De forma cuidadosa, colocou uma perna, depois a outra. Coube. Estranho, jurava que não caberia. Foi se encolhendo, espremendo-se. Com muito jeito, foi tentando deslizar parede abaixo, passando o tronco. Olhou para cima e com certo esforço conseguiu puxar a maçaneta e fechar aquela pequena porta.

Ufa... conseguiu. Até que começou a cada vez mais sentir o vento pelo seu corpo, puxando-o, como se o vácuo o sugaaaaaassseeee... e despencou. Como uma força maior do que podia controlar, ficou caindo. Alguns momentos, talvez dias, ou mesmo anos. O desespero tomou-lhe conta. Seria a queda, a sua vida? Essa era a sua história? Destinado a eternamente cair. Desnudo de todas as proteções, estava a cair infinito.

Até que... poft! Chegara ao fundo.

Augusto, com a cabeça latejando do tombo, ficou por alguns minutos inerte. Estava contente. Chegara ao fundo do poço!

Tentando se desvencilhar da luz preta do vácuo, piscou até conseguir abrir os olhos naquela luz intensa. Conseguiu. Olhou ao redor. Que lugar era aquele? Muito diferente da sala anterior. Passou a mão pelo chão. Havia terra. Estava ainda molhada. Havia caído em um grande canteiro de gérbas amarelas. Ainda meio zozzo, apoiando-se no chão, tentou se levantar. Haviãmlhe roubado as forças das pernas.

Pensou em descansar no belo lugar. Contudo, era de sua alma a inquietude, o desbravamento o chamava. Levantou-

se. Após as lindas gérbas amarelas, chegou a um caminho envolto em bela paisagem, folhas roxas espalhadas pelo chão tortuoso, davam-lhe o caminho emoldurado por árvores mais altas que os seus olhos podiam ver.

Sem saber o que fazer, achou melhor seguir o caminho. Por certo a algum lugar iria dar. Chegou até uma cerca branca. Até onde podia ver, havia aquela cerca. Não queria retornar, pois voltar de onde partiu é próprio de uma vida quase Severina. Decidiu pular a cerca de arame farpado, tomando cuidado para que não ficasse sem suas vergonhas.

Ouviu o vento nas roupas do varal. Era um chamado para que cobrisse seu corpo, até então desnudo. Uma calça curta e uma camisa branca amassada foram as escolhidas. Não estava maravilhoso, mas até que sentiu que estava combinando com aquele ar camponês.

Ao longe, ouviu o assoviar de uma chaleira. Havia uma casa. Pessoas. Andou alguns metros e avistou uma pequena residência, metade alvenaria, metade barro. Aprumou o pulmão: *"Ohhh de casa! Ohh de casa"*.

Após alguns minutos, apareceu uma criança de uns 12 anos, cabelos loiros, emaranhados e enrolados por uma fita azul céu: *"Olá!"*

Augusto ficou feliz por finalmente ter alguém para conversar: *"Oi! Esta é a minha história?"*

A menina da fita azul pareceu ficar surpresa pelo questionamento: *"Como assim? Claro que não! Esta não é a sua história."*

Com a resposta, ficou mudo. Gostava daquele lugar. Mesmo que as calças não lhe servissem e a blusa fosse curta a ponto de aparecer o umbigo, havia pensado que talvez aquele fosse o seu lugar.

Tomada de repentina bondade, a menina da fita azul pegou-lhe pela mão: *"Venha, talvez eu possa lhe ajudar"*. Levou-o até a sala, pegou um pequeno porta joias e, para surpresa de Augusto, foi tirando dele uma imensa chave: *"Aqui. Esta chave te levará até o Reino do Fogo, lá pode ser o seu lugar."*

Inquieto e tentando se equilibrar para segurar a chave, interpelou a menina: *"Onde fica a porta?"*

Sorrindo, a menina da fita azul apontou-lhe a direção oeste: *"Quando acabar a cerca, verá a porta do Reino do Fogo."*

Aprensivo, seguiu a direção. Após muito andar, chegou ao fim da cerca. Olhou, não havia porta. Não acreditava que havia sido enganado! Decidiu sentar e descansar. Ao sentar, percebeu que se sentara em alguma pedra, levantou-se e, no chão, viu pequena maçaneta marrom e uma fechadura. Incrédulo, por um momento, acreditou que a menina da fita azul havia lhe dado a chave errada, ou seria o caminho errado? Testou a chave. Não é que funcionava?

“Que coisa mais agradável, meu belo jovem. Não sei se aqui é a sua história. Mas se o senhor quiser, pode transformá-la em sua! Seja muito bem-vindo.”

Entrou. Era muito diferente. Entrara em uma sala luxuosa. O teto branco e cravejado de diamantes se contrapunha ao vermelho real das paredes. Havia vários quadros de homens empunhando espadas, mostrando os seus braços como sinal de distinção, coragem e estirpe. No centro, havia uma mesa tão grande que Augusto sequer conseguia ver direito o seu fim. Não tardou e logo veio um senhor: *“Olá, meu caro jovem. O que faz por essas bandas?”*

Surpreso com o tom coloquial, mesmo em um ambiente muito chique, Augusto respondeu: *“Estou procurando a minha história!”*

O velho cortês sorriu como se fosse algo corriqueiro: *“Que coisa mais agradável, meu belo jovem. Não sei se aqui é a sua história. Mas se o senhor quiser, pode transformá-la em sua! Seja muito bem-vindo.”*

Augusto sorriu. Ficou feliz e se sentiu recepcionado. O velho cortês o levou até seus aposentos. Seriam seus, se assim quisesse.

Era lindo. Ao ficar sozinho, Augusto olhava ao redor absolutamente deslumbrado. Por certo, aquela era a sua história! Sentou-se na cama, era muito macia. Resolveu pular na cama até seus joelhos não terem mais forças.

Ofegante, foi até o armário e viu que havia um lindo terno e camisas mil. Vestiu-se com um terno preto de linho, camisa branca passada e engomada. Calçou um belo par de sapatos de camurça que estava ao lado da cama. Era como se fizesse carícias aos pés. Estava alinhado e chique. Porém, após o êxtase, questionou-se: será que aqui é mesmo a minha história?

Ficou inquieto.

Saiu do quarto e foi até o salão. Estava ocorrendo uma festa.

Vieram vários homens cumprimentá-lo:

“Olá! Que bom que está procurando sua história. Fico feliz que seja aqui.”

“Olá jovem! Não seja um forasteiro leviano. Por essas bandas, além daqui nada há.”

“Com certeza! Para um moço bonito como você, aqui há moças mil. Prendadas, estudadas.”

“Não se esqueça das Amazonas, meu caro amigo” - cortou outro moço jovem - “sempre há aqueles que, como eu, gostam de mulheres corajosas.”

Uma linda moça vendo aquela conversa e achando estranho os atrativos do local:

“Meus caros senhores, também há homens para aqueles que gostam de homens.”

Todos riram e assentiram.

Augusto olhou a todos ali. Pareciam felizes. Parecia que se preocupavam com ele, com sua história. Passou os olhos pela sala. Viu novamente a linda moça. Sorriram um para outro. No final da noite, os dois emendaram os dias. E assim os dias se fizeram noites e as noites se fizeram dias, por tantos dias e noites que não conseguiram mais guardar.

Até que, um dia, Augusto ficou novamente inquieto. Andou pelo salão. Afastou-se da linda moça. Olhou para o terno listrado de linho fino, que tanto lhe caía bem. A blusa alva e engomada de elegância única. O sapato de camurça que por tantos dias acariciou o seu pé. Olhou a sala. Os amigos com quem bebeu e cantou. A linda moça que lhe

fizera companhia por tanto tempo. E mesmo assim, inquieto estava.

Ao final da noite, o velho cortês foi ter com ele: *“Olá, Augusto.”*

Surpreso com essa intimidade, afinal nunca havia lhe falado o nome: *“Ah, olá!”*

“Percebo que não está feliz” - disse o velho cortês, balançou a cabeça e completou: *“Caso você queira, posso lhe mostrar o caminho para outra sala. Não sei o que tem lá. Ninguém sabe. Todos param aqui. Eu mesmo não segui adiante.”*

Augusto olhou triste e sem saber o que fazer. Sabia que o que estava ali provavelmente seria diferente do que já vivera. Não sabia se seria melhor ou pior. Porém, por certo seria diferente. No entanto, apesar do terno de listra alinhado e esticado, os sapatos macios e aveludados, parecia que aquele não era o seu lugar. Algo estava errado.

Augusto olhou para o velho, sorriu: *“Acho que preciso ir. Quando algo não parece certo, é porque geralmente não está.”*

O velho assentiu com a cabeça: *“Por ali. Não há chaves ou maçanetas. Basta que empurre e entre.”*

Augusto apertou as mãos do velho amigo e saiu em direção à nova porta. Era uma porta velha de madeira, como aquelas dos *saloons* antigos que nunca estão realmente abertas ou fechadas. Entrou em uma sala escura, não havia quase nenhum móvel, a não ser uma velha mesa de escritório empoeirada, uma máquina de escrever semiautomática e uma moça de óculos grandes e hastes escuras, mascando incessantemente um chiclete que parecia já duro.

Em frente à mesa havia uma cadeira. Augusto sentou-se com uma obediência hierárquica. Esperou alguns minutos e decidiu interromper.

“Por favor, meu nome é Augusto” - tossiu para firmar a voz, já meio sem graça por incomodar: *“aqui é a minha história?”*

A moça de óculos parou de datilografar por um instante. Subiu os olhos com ar ligeiramente surpreso, segurando uma pseudo-risada: *“Eu sei quem você é”* - e voltou a datilografar.

Augusto a olhou e tinha certeza que nunca a tinha visto. Meio sem graça, decidiu continuar o questionamento: *“Por favor, senhorita, aqui é a minha história?”*

A moça de óculos levantou os olhos e apontou assertivamente com a cabeça algo atrás de Augusto. Esse se virou e viu a porta pela qual havia entrado. Acima dela uma placa: *Minha História.*

Ainda incrédulo, Augusto decidiu obter respostas: *“Então é isso. Essa foi minha história?”*

Já meio irritada, a moça de óculos disse: *“Eu estou escrevendo, mas você pode continuar”* - apontou com os olhos outras portas que estavam semiescondidas pela luz do quarto.

Augusto se levantou e andou até onde pode ver o máximo de portas que havia no quarto. Havia muitas. Respirou fundo e decidiu.

“Sabia que o que estava ali provavelmente seria diferente do que já vivera. Não sabia se seria melhor ou pior. Porém, por certo seria diferente.”



O sabor amargo do nada

José Fernandes Filho

Desembargador aposentado do TJMG ()*

No início da vacinação, entre nós, a televisão exibiu, fartamente, cenas promissoras. Numa delas, servidor da área de saúde retira de um pequeno frasco um décimo de seu conteúdo, entrega a seringa a outro, que, vacinando, completa a operação. Até aqui, nenhuma novidade.

Comovente, para mim, é a imagem seguinte, em que o primeiro servidor exhibe o pequeno frasco, seguro entre o polegar e o indicador, girando o braço elevado em meio círculo, da esquerda para a direita ou desta para aquela. Sua pretensão: mostrá-lo, triunfante, a quantos o pudessem ver.

A cena remeteu-me a outra, presente na liturgia da igreja, em que o sacerdote segura a hóstia, já consagrada, e também a eleva, agora com as duas mãos, em movimento semelhante ao exibido com o pequeno frasco. Neste, a esperança de proteção à humana vida; na hóstia, de pão ázimo, a promessa de vida após a morte.

Dirão os céticos: bobagem de velho; sentimento de quem, preso em gaiola de ouro, aspira por liberdade.

Deslumbrado pela imagem das duas cenas, em ambas recobrei forças para continuar caminhando até onde não sei.

Crueldade sem limites, o misterioso vírus é capaz, a um só tempo, de matar e segregar pessoas. Indiferente a tudo e a todos, não lhe basta ser letal. Famélico, exige mais: dura solidão, a impossibilita a presença consoladora dos parentes e amigos nos hospitais, nos funerais, até nos cemitérios. Invisível, vangloria-se do poder de infectar, onde quiser, quando desejar, sem ser visto ou ouvido. Sarcástico, proclama o reino da morte e da escuridão.

Potenciais vítimas, até agora salvas e protegidas, rendemo-nos à passividade. Não nos acode qualquer gesto, qualquer ação, modesto contributo ao universo de carências, que enreda, esmaga e aprisiona.

Asfixiados alguns, à ausência de oxigênio; rejeitados outros pelo desigual sistema de saúde, incapaz de acolher e obrigado a escolher quem morrerá primeiro.

Curvados aos privilégios, bastamo-nos com a hóstia branca e o pequeno frasco, exibidos como tábua de salvação. Nossa omissão, nosso desperdício, nossa indiferença também matam. Mortos-vivos talvez, estranhos frequentadores da Terra, exemplos do desamor ou símbolos do nada?

Urge uma saída, enquanto é tempo. Complexa, conduzida por mãos diversas, a vacinação claudica, atrasa, discrimina. Instalado, o caos estimula a desigualdade, perpetua a injustiça, fomenta a corrupção. Até quando o vírus zombará de nós? Até quando resistirá ao esforço solitário de quantos, anônimos, a ele se opõem? A tarja preta, na lapela, que, curvado, devo carregar, é sinal de luto ou máscara de conveniência?

“Até quando o vírus zombará de nós? Até quando resistirá ao esforço solitário de quantos, anônimos, a ele se opõem? A tarja preta, na lapela, que, curvado, devo carregar, é sinal de luto ou máscara de conveniência?”

Confesso-me incapaz de saber a resposta para tantos questionamentos, antecipada aporia ou prova de minha desumanização? Minha e de tantos outros, muitos, quem sabe a maioria, insensíveis à realidade dos que só têm a dor para companhia.

Tontos, perplexos, enfraquecidos ou embrutecidos, condenados ao niilismo estéril, sombria geração dos desiguais e diferentes.

Dia virá em que chegarei ao depois. No longe, aboliram as palavras. Mudo, reconhecido pela tarja preta, serei julgado. Menos pelo que fiz, mais pelo que deixei de fazer. Hora da verdade. Merecerei perdão?

(*) Membro eleito da Academia Mineira de Letras



"Minas não é uma palavra montanhosa?", de Madu

As montanhas e as artes em Minas

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de *MagisCultura*

Minas não é palavra montanhosa
É palavra abissal
Minas é dentro e fundo
As montanhas escondem o que é Minas.

Carlos Drummond de Andrade,
no poema “A palavra Minas”

Quando a artista plástica mineira Maria do Carmo Vivacqua Martins, a Madu, no alvorecer da década de 1970 fez o que ela chama de “quase uma brincadeira” e pintou a palavra Minas em formato de uma serra e colocou embaixo a pergunta “Minas não é uma palavra montanhosa?” (veja arte), não esperava que estivesse reabrindo um debate que acompanha as artes mineiras desde sempre. A obra de Madu, premiada em Salão Universitário de Belo Horizonte, mereceu artigo de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos no *Suplemento Literário* do “Minas Gerais”, órgão oficial do estado, do qual era editor, e foi parar na mesa de Carlos Drummond de Andrade, que publicava crônicas semanais no *Jornal do Brasil*.

O poeta itabirano contestou a jovem estudante de Belas-Artes mineira, em uma de suas crônicas: “Madu, a moça artista de vanguarda, sentenciou: ‘Minas é uma palavra montanhosa’. Será? João Brandão, a quem comuniquei a sentença, tem opinião inversa. E manda-me esta declaração, em versos livres”. Junto à crônica, Drummond publica então o poema *A palavra Minas*, cuja abertura é a epígrafe desta reportagem e que depois foi incluído no livro “As impurezas do branco”. [João Brandão era um ‘alter ego’ que o poeta usava para dialogar em suas crônicas.]

Madu, que se tornaria professora da EBA / UFMG e artista plástica de grande projeção, sendo uma das fundadoras do *Giramundo – Teatro de Bonecos*, lembra que naquela época os trabalhos conceituais eram comuns nos salões de arte e, muitas vezes, “o título da obra era mais importante do que as obras em si; metade da obra era o título”.

Foi o que aconteceu com ela: embora o seu trabalho tivesse sido feito de maneira precária, com utilização de tinta spray sobre vidro, integrando uma série que tinha as montanhas como tema, alcançou enorme repercussão por causa do título. E a repercussão, além de enorme, teve desdobramentos.

Ângelo Oswaldo, ex-ministro da Cultura e ex-secretário de Cultura de Minas, recentemente eleito para um novo mandato como prefeito de Ouro Preto, lembra que foi mais ou menos nessa mesma época, em 1974, que outro jovem artista mineiro, Manfredo Souzanetto, tornou célebre a expressão “Olhe bem as montanhas”, que dava título a um dos trabalhos

de sua exposição “*Memória das coisas que ainda existem*”, no Rio de Janeiro. Era também uma obra simples, como a de Madu: apenas a frase, vazada em um horizonte sinuoso. Ela também mereceu comentários de Drummond, sua criação foi transformada em adesivo para automóveis e logo passou a circular nos vidros traseiros de centenas de automóveis nas ruas de Belo Horizonte.

Protestos pela Serra do Curral

O ex-ministro contextualiza assim aquele momento vivido em Minas: “*O destombamento federal da Serra do Curral pelo marechal [Humberto de Alencar] Castelo Branco ensejou o início da mineração ali instalada pela MBR a partir de 1971, o que causou grande impacto nos meios culturais de Belo Horizonte. O progressivo desaparecimento de grande parte do maciço levou diversos artistas plásticos a tratar da questão, com destaque para os trabalhos de Madu, Fernando Velloso e Manfredo Souzanetto.*”

Em artigo publicado no portal da Academia Mineira de Letras, onde ocupa a cadeira número 03, Ângelo Oswaldo escreve: “*A palavra de ordem que se fez ecoar, no decorrer dos anos 70 e 80, anunciava a desaparecimento iminente das montanhas mineiras. Os artistas da imagem foram os primeiros a seguir o alerta que surgia no para-brisas dos carros. Assim como Cézanne mirou obsessivamente a Sainte-Victoire, no sul da França, pintores, desenhistas, gravadores e fotógrafos voltaram-se para a montanha de Minas Gerais e a contemplaram como a um ícone ameaçado.*”

No mesmo artigo, diz: “*Carlos Drummond de Andrade já chorara diante da pulverização do Pico do Cauê. [...] A exemplo do profeta Jeremias, o poeta subiu a Serra do Curral e, em lágrimas, mais uma vez lamentou o extermínio da montanha e o sequestro do próprio nome da cidade. Em agosto de 1976, escreveu “Triste Horizonte” para abrir os olhos que ainda se fechavam à mutilação da paisagem e à destruição do território.*”

A destruição do patrimônio natural é apenas um dos aspectos que tornaram as montanhas mineiras em foco de escritores, poetas, pintores, desenhistas, músicos, enfim, artistas em geral, ao longo de toda nossa história.

A paisagem e os traços da subcultura mineira

Ao introduzir o debate sobre “*como se configurou a subcultura mineira na formação do Brasil*”, em seu livro “*Novas mineiranças*”, o crítico e ensaísta Fábio Lucas reconhece que ‘a

OLHE BEM AS MONTANHAS...

“Olhe bem as montanhas”, de Manfredo Souzanetto

paisagem montanhosa e seus desníveis, os horizontes escassos e o árduo amanho da terra, tudo contribuiu para acentuar os traços da subcultura e suas formas de agrupamento social”.

Ressalvando que “no âmbito ondulante da cultura, não se deve ater ao mero espírito de rebanho”, Lucas destaca que “os efeitos mesológicos sobre a psicologia do intelectual mineiro” foram observados por autores como Viana Moog, em *Uma interpretação da literatura brasileira*, e por João Camilo de Oliveira Torres, em *O homem e a montanha*.

Na obra já citada, Fábio Lucas, que foi destaque da edição número 18 de *MagisCultura*, em abril de 2018, relaciona as obras de cunho literário que “ajudam a caracterizar a subcultura mineira e até mesmo a construí-la”, no que ele chama de “O espelhamento literário”. Em algumas das obras escolhidas por ele, a paisagem é destaque, em especial a montanhosa.

Em Cecília Meireles, no *Romanceiro da Inconfidência*, ele encontra que “a conjugação do gesto narrativo com a vertente opinativa produziu mensagens de alta relevância para reforçar o perfil da nacionalidade em formação” e destaca o verso “Que é feito de ti, montanha, / que a face escondes no espaço?”

Proseguindo em seu “espelhamento”, Lucas diz que “não podem passar em silêncio as *Elegias do país das gerais*, de Dantas Mota”, poeta em que a presença e a influência da paisagem, em especial a do Rio São Francisco e das montanhas do Sul de Minas, são marcantes. Ele destaca o verso “Na montanha nasci, por certo, na montanha morrer”, do poema *Da fixação dos Condes no espaço em questão*. [Leia mais sobre Dantas Mota em outro texto desta reportagem.]

Guimarães Rosa é outra das referências de Fábio Lucas, que vê a existência na obra dele da “aglomeração” de muitas Minas Gerais. Uma dessas Minas é a “calcada em paisagem e linguajar [...] especialmente quando ele se desloca das Minas para os Gerais, um dos múltiplos espaços montanhoses”.

Da obra de Autran Dourado, “marcadamente sinalizada pela construção mítica de uma cidade do interior do Sul de Minas”, Fábio Lucas destaca *Os sinos da agonia*, que ele vê como “ficção que se projeta no claro-escuro da neblina que envolve serras e vales de Minas”.

O crítico relaciona ainda outros escritores mineiros que tiveram a montanha como foco em suas obras, como Darcy Ribeiro e Pedro Nava, mas é a Autran Dourado que voltamos para encerrar, citando, junto com ele, a “confissão da irresistível mineiridade” da personagem Uriel, residente em Belo Horizonte, mas pensando em deixar o estado, no término do romance *Um artista aprendiz*: “Não viverei mais com a visão barrada pela Serra do Curral [...]. Mas levarei Minas comigo, como o rio que para ser fiel à sua fonte toma a direção do mar.”

“O olhar mudou da geografia para a história”

Doutor em Literatura Comparada e professor de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Literatura Comparada da UFMG, o professor Reinaldo Marques reconhece que é grande a presença das montanhas nas obras literárias mineiras, mas entende que a visão atual sobre a paisagem é bem diferente.

“A literatura realista do Século XIX possuía um olhar que entendia o homem como produto do meio e valorizava o espaço como uma coisa fechada, estática, acabada. Em contraponto a essa visão de espaço, a modernidade valorizou mais o tempo do que o espaço. É o olhar do ‘tempo para a história’ e não para a geografia”, diz ele.

Reinaldo lembra que as primeiras comunicações humanas, as imagens das cavernas pré-históricas, ficaram misteriosas quando redescobertas, pois eram estáticas. “O homem então cria a escrita, que é a forma encontrada para entender e explicar. É a partir da escrita que a consciência histórica se desenvolve, pelos escritores e filósofos, e o tempo passa a ser mais valorizado do que o espaço.”

Por outro lado, com o passar do tempo, a escrita ficou tão intelectualizada, que também ficou hermética, inacessível. O Século XX trouxe a imagem digital, de origem matemática. E agora o mundo digital está ficando tão misterioso que precisa da escrita para explicar sua linguagem.

Ele cita, como exemplo, que Cláudio Manoel da Costa “olhava as montanhas e achava aquilo triste, pois o interlocutor dele não estava ali; ele só podia dialogar com pouquíssimos colegas, pois a população era formada majoritariamente pelos escravos e havia pouquíssima gente que lia. A paisagem, as montanhas, para ele, eram uma barreira estática.”

Já os modernistas mineiros olhavam para o espaço com um olhar de desafio, vendo a paisagem como coisa opressora, que deveria ser ultrapassada, vencida. É o caso de Drummond

“Que é feito de ti,
montanha, / que a
face escondes no
espaço?”

e Guimarães Rosa, cujas obras, marcadamente mineiras, “dialogam com o mundo”. E complementa: “Minas está fechada entre montanhas, mas ao mesmo tempo está abertíssimo para o mundo”.

Especialista em arquivos literários, Reinaldo Marques diz que “na filosofia, no pensamento contemporâneo, não olhamos mais o espaço como essa coisa morta, acabada, vil; há um outro olhar para o espaço.” E exemplifica com uma troca de cartas entre Carlos Drummond de Andrade e Abgar Renault, quando o primeiro, recém-formado em Farmácia, voltou para sua Itabira para lecionar Geografia. Em carta, Drummond se dizia “perdido entre latitudes e longitudes”, nas aulas que dava. Abgar responde que “geografia é uma coisa vil” e diz a Carlos que seria “preferível dar aulas de latim, que embora seja língua morta, é melhor que geografia”.

A visão moderna do espaço, segundo o professor, não é mais “essa coisa vil” de que falava Abgar. “Os espaços hoje são constituídos sempre por interrelações, são múltiplos, são heterogêneos, e estão sempre em construção.” E arremata: “Estamos presos entre montanhas, mas nossa produção dialoga com o mundo. Estamos entre montanhas, mas abertos para o mundo.”

“Montanha era barreira física e psicológica”

Para Márcio Sampaio, artista plástico e professor de História da Arte, a influência das montanhas sobre a arte mineira sempre foi grande em vários sentidos, embora seja bem menor hoje. Antigamente, diz ele, “para os mineiros intelectuais a primeira tarefa para ser reconhecido era ‘romper as montanhas’ e chegar ao Rio de Janeiro e São Paulo. Ou seja, além de uma barreira física, era também uma barreira psicológica.”

Em texto produzido para o catálogo da exposição “Paisagem Mineira, antes e depois de Guignard”, realizada na galeria do Minas Tênis Clube, em 2017, ele diz que “a recorrência de determinados símbolos, imagens e temas na arte reflete a psicologia de um povo, a filosofia dominante de uma época, a maneira como o homem se sente e age no espaço físico, social e cultural em que vive” e que na história da arte ocidental “a reiterada presença da paisagem como tema indica o grau de relacionamento do homem com a natureza, o modo como ele a trata, a interpreta ou a explora”. E isto, segundo Sampaio, “coincide com a forma como é abordada na literatura e discutida na área filosófica e mesmo na científica”.

“Estamos presos
entre montanhas,
mas nossa produção
dialoga com o mundo.
Estamos entre
montanhas, mas
abertos para o mundo.”

Em Minas, é claro, não seria diferente.

Diz ele: “A natureza do território de Minas Gerais, por sua singular posição geográfica e pela forma peculiar de sua ocupação, foi sendo representada inicialmente nos mapas cartográficos e nos guias de viagens e de exploração. Mais tarde, foi abordada na forma de registros documentais produzidos por artistas estrangeiros integrantes de missões científicas [...]”.

E continua: “[...] quando as minas se acham esgotadas e o território se expande para além dos centros da economia do ouro, onde a montanha oprime, degrada e aprisiona, o homem vai em busca dos campos abertos, mais luminosos, mais arejados, e reconcilia-se com a natureza; a terra é tratada, então, como o lugar da fecundação, que tem de ser cuidada amorosamente para que floresça e dê seus frutos.”

Hoje, Márcio Sampaio reconhece, o ‘peso’ das montanhas já não é mais o mesmo: “Parte das montanhas já foram literalmente pulverizadas – vide Drummond – e os novos meios de comunicação tornaram mais fácil, rotineiro, passar por cima delas. Ou seja, emocionalmente elas também foram pulverizadas. As montanhas já não oprimem mais os artistas e os mineiros em geral.”

Ele acompanhou e participou ativamente dos amplos debates durante a década de 1970, envolvendo os trabalhos de Madu e de Manfredo Souzaeto: “O Roberto Pontual [um dos mais respeitados críticos de arte da época] se interessou muito pelo tema e nós nos reunimos várias vezes para reflexões sobre o assunto, tendo ele, inclusive, criado a expressão ‘o montanhismo de Minas’, para identificar aquele movimento”.



Um paisagista apaixonado pelas montanhas

Autor da aquarela que ilustra as capas desta edição, Mário Zavagli, natural de Guaxupé, nas fraldas da Serra do Lobo, diz que o impacto do cenário montanhoso de sua região sobre ele foi tão forte que, quando optou pela técnica de aquarela, nunca mais deixou de ser um paisagista. *“Sou um apaixonado pelas paisagens”,* reflete, acrescentando que *“são as montanhas que estabelecem o diálogo de Minas com os outros estados”*.

No início dos anos 1970, recém-formado em Belas Artes pela UFMG, Mário Zavagli iniciou sua carreira com uma proposta de trabalhos políticos, críticos, até sofrer intoxicação pelas tintas, tendo que se afastar da pintura a óleo. *“Comecei a dedicar-me primeiro ao desenho e, na sequência, às aquarelas. Depois disso, quando retornei à minha cidade natal tomei um susto com a beleza da paisagem de lá, na qual nunca havia prestado muita atenção, e passei a ver tudo com outros olhos”,* diz.

“Naquele tempo, não se prestava muita atenção ao trabalho dos paisagistas e viajantes do Brasil colonial, que possuem os melhores relatos escritos e de imagens daquele período”, diz ele, que passou a estudar esses viajantes. Além de Debret e Rugendas, destaca o austríaco Thomas Ender, *“que veio ao Brasil para o casamento da princesa Leopoldina com D. Pedro I, em 1817, ficou aqui por 11 meses e produziu*

“Sou um apaixonado pelas paisagens.”

uma obra monumental, com mais de 700 trabalhos, a grande maioria de paisagens”.

Sua dedicação ao paisagismo é uma homenagem a esses viajantes.

Zavagli começou pintando principalmente as paisagens de sua Guaxupé, mas aos poucos estendeu seus olhos aos demais cenários montanhosos de Minas, como o da Serra do Espinhaço, em especial a Serra do Cipó, e o da região de Diamantina. Atualmente, produz uma série sobre o Pico do Itatiaia, na Mantiqueira, na divisa entre Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

Sua interação pessoal e a de sua obra com as paisagens mineiras é tamanha que ele conta já ter sido surpreendido pelo comentário do neto de 3 anos de idade, durante uma viagem, que, ao observar a paisagem pela janela do carro, apontou para ela e disse: *“Olha lá uma pintura do vovô”*.

“Serra do Espinhaço”, de Mario Zavagli



Serras icônicas

Dentre as muitas montanhas e serras mineiras que inspiraram artistas plásticos, escritores e poetas, duas alcançaram projeção diferenciada, por razões diversas: a da Mantiqueira e a do Caraça. *MagisCultura* convidou dois escritores para darem depoimentos especiais sobre ambas, situadas nas regiões em que nasceram.

Mantiqueira, a serra de Dantas Mota

Caio Junqueira Maciel

Escritor, professor de Literatura Brasileira Mineiro de Cruzília, é autor, entre outras obras, de A escritura do tempo na poesia de Dantas Mota (ensaio); Pele de Jabuticaba (poemas); Um estranho no Minho (romance).

O poeta catarinense Cruz e Sousa, caso fosse mineiro, teria estabelecido a epígrafe- síntese de nosso cenário com aquele reiterado verso decassílabo do poema *“Os monges”*: *“Montanhas e montanhas e montanhas”*.

Essas montanhas chegaram a merecer versos também do pernambucano Olegário Mariano, quando visitou Sabará: *“Nunca me esquecerei do ritmo dos meus passos/ Ressoando das ladeiras das pedras incertas, / Ó velha Sabará que comovida abertas/ As montanhas de Minas nos teus braços!”*

E até mesmo o austríaco Stefan Zweig, em Brasil, país do futuro, registrou: *“Olhando do planalto de Belo Horizonte a região, pensei que além da serra alcantilada se estendesse uma grande planície tropical. Mas a estrada em incessantes curvas, subidas e descidas continua sempre nas montanhas.”*

Mas vamos ao que os mineiros escreveram sobre esse majestoso cenário. Cláudio Manuel da Costa assim inicia seu soneto LVIII: *“Altas serras, que ao Céu estais servindo / de muralhas, que o tempo não profana, / se Gigantes não sois que a forma humana / em duras penhas foram confundindo.”*

Alphonsus de Guimaraens, em uma de suas canções, versejou: *“Eu bem sei que ninguém me acompanha, / é que estou só no alto da montanha.”*

Luís Giffoni, mineiro de Baependi, ao longo de sua vasta obra faz referências a serras, picos, montanhas e cordilheiras. Em *Adágio para o silêncio*, exibe a exuberância da Mantiqueira: *“Ulisses emocionou-se diante do perfil longínquo da serra da Mantiqueira. Até então, a cidade lhe parecera quase desconhecida, os referenciais antigos engolidos por construções ou avenidas. As montanhas, contudo, permaneceram, vestidas com o mesmo tom azulado da primeira memória. A Mantiqueira e a família possuíam um aspecto comum: eram imutáveis. Com uma ressalva: a serra não doía.”*

A Serra do Curral, de Belo Horizonte, mereceu desse autor o livro *Serra do Curral e a declaração apaixonada*: *“De uma ponta a outra, a Serra do Curral me pareceu em fogo, um fogo muito mais potente que o de capim, fogo que vinha das entranhas da Terra, fogo de beleza, fogo de paixão.”* Este mesmo autor, no livro de crônicas *O reino dos puxões de orelha*, registra a presença do Pico do Papagaio, um dos contrafortes da serra da Mantiqueira: *“Em Aiuruoca – pacata cidade junto ao pico do Papagaio tão celebrado por Saint-Hilaire, que o escalou em 1822 – meu avô se instalou em torno de 1890 e jamais retornou à Itália.”*

A montanha sagrada

Ora, Aiuruoca é terra de Dantas Mota, o poeta que mais valorizou a montanha na poesia mineira. Em versos de *Elegias do País das Gerais*, escreveu: *“País das Gerais, sou teu filho. / Ninguém sabe quando sou boi, / Ninguém sabe quando sou leão. / Na planície me sinto triste, / Na montanha me sinto alegre.”* A montanha, na poesia de Dantas, está associada a um lugar privilegiado, sagrado, opondo-se à planície, que indica o espaço e o tempo profanos, destituídos de significação. Ao fixar-se na montanha e transfigurar a sua Aiuruoca em Monte Sião, Dantas sacraliza um espaço, faz com que sua poesia abra a clareira para o mito.

Dantas Mota, na *Primeira Epístola de Tiradentes aos Ladrões Ricos*, nomeia os burros e mulas madrinhas que *“coriscam as serras mineiras”, os “caminhos trilhados, batidos ou navegados, estradas de sacramento”, “machucando morros e serras”,* destacando que, entre os tropeiros, estava o Tiradentes, *“realizando uma epopeia igual à das bandeiras, apenas mais silenciosa”*. E, no seu timbre irônico, conclui o poeta: *“Por isto é que, antes, muito antes de os governantes dizerem/ que governar é abrir estradas, / já os burros sabiam disso e vinham fazendo isso. / Porquanto, neste País o mal dos burros é serem humildes, e o dos outros não.”*

Nesse livro, o poeta refere-se à região sul-mineira de Aiuruoca como uma *“região deserta e mística”, “um dos trechos mais antigos da terra”*. Acrescenta que *“é aí, como num pórtico, bem mais antigo do que a Mongólia Exterior, aonde o Rio Ayuruoca, cuja nascente é a mais alta do Brasil, após passar, subterraneamente, durante um quilômetro, entre as GOPEARAS e a BOCA DO INFERNO, deságua.”* Há razões míticas de o poeta ter preferido a solidão da montanhosa Aiuruoca, a viver nos grandes centros urbanos. Aí talvez se explique o tom mítico e bíblico de seus versos, a metamorfose de Aiuruoca em Sião, o misterioso nome de *Arpamingos* – provavelmente mitificação do Pico do Papagaio. Vivendo sob o signo do misterioso e denso País das Gerais, Dantas questionava-se se ele seria um *“escriba de Sião”*, entre montanhas, a reescrever de novo as Tábuas da Lei.

Caraça, o gigante deitado

J. D. Vital

Jornalista e escritor.

Natural de Barão de Cocais, é autor, entre outros, de “Como se faz um bispo, segundo o alto e o baixo clero” e “A revoada dos anjos de Minas”.

Em 1885, o pintor e professor da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro Johann Georg Grimm viajou a Minas Gerais para retratar, em óleo, uma encomenda feita pelo imperador Dom Pedro II. O artista alemão, então com 39 anos de idade, chegara ao Brasil em 1874 e especializara-se em pintar paisagens, fazendas e vilas, como a de Sabará.

Sua missão era registrar a Serra do Caraça, cenário estonteante de um Himalaia tropical que encantara o monarca em sua viagem à região em 1881, meio século depois da visita de seu pai Dom Pedro I em 1831. Sua Majestade cumpria uma promessa ao superior do colégio, já em funcionamento, o padre Clavelin, de mandar um pintor da corte para immortalizar as serranias, segundo o *“Guia Sentimental do Caraça”*, do padre holandês Pedro Sarneel.

Georg Grimm instalou sua prancheta provavelmente no Alto da Boa Vista. Seu olho artístico, treinado em viagens à Itália, Grécia, Turquia, Palestina e ao Norte da África, segundo a Enciclopédia Itaú Cultural, acertou em cheio. Escreve padre Sarneel: *“No fundo, o purpúreo dos montes gigantes. Topograficamente está errado. Mas, artisticamente, certo e perfeito o painel do professor alemão”.*

Daquele ponto da Boa Vista, a Serra do Caraça explode em vidrilhos de prata e cintilação. Bem à maneira dos presépios confeccionados em saco de aniagem ou papelão, ensopados de grude e esmeril em pó para reproduzir as montanhas com que as famílias da região de Barão de Cocais e Santa Bárbara ornaram o Natal de Menino Jesus.

É um belvedere privilegiado ao final dos dezesseis ziguezagues que escalam a serra, como curvas empilhadas, uma sobre a outra, desde o sopé no Sumidouro, em Brumal, por quinze quilômetros, hoje asfaltados.

A *“Paisagem do Caraça”* permanece, 136 anos depois, inalterada como um dogma de fé. O quadro, porém, dependurado na parede do estabelecimento centenário mantido pelos padres lazaristas, ganhou tons amarronzados, diferentes da coloração real do paredão rochoso, não se sabe se por interpretação do autor ou por efeito da poeira do tempo. O certo é que o pincel de Grimm se esmerou na descrição da montanha em forma de um gigante narigudo deitado sobre pedras naquele segmento da Serra do Espinhaço.

Dele escreveu Luciano Migliaccio, ressaltando sua capacidade de pintar sem emoção uma paisagem, *“despida de toda retórica”*: *“As paisagens de Grimm parecem impassíveis: ele segue com a curiosidade de um geólogo e a obstinação de um cão de caça o movimento de uma falha de rocha, a reverberação do sol sobre cada pedra, a base nua de uma colina de granito e a cintilação verde de uma mancha de vegetação à beira de uma correnteza cristalina”.* (O século XIX, in *Mostra do Redescobrimento*)

O Colégio do Caraça, na época o mais renomado educandário de Minas, aparece apenas como uma torre branca do eremitério erguido pelo legendário Irmão Lourenço, um fugitivo português da perseguição movida pelo Marquês de Pombal à sua família, da Casa dos Távoras.

A construção da ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens naquelas grimpas por negros escravizados, adquiridos com o gado, segundo Saint-Hilaire ali hospedado em 1816, ganhou uma narrativa ficcionista no livro *“A mãe do ouro”*, que Gláucia e Willian Vale acabam de lançar pela editora Giostri.

Os autores percorrem, com conhecimento de trilha, a *“grande montanha de ferro”* e seus picos assombrosos, como o Inficionado (2.068 metros), o da Verruguinha, o da Canjerana, os da Conceição e da Carapuça e o Pico do Sol, o mais elevado de todos, com 2.078 metros.

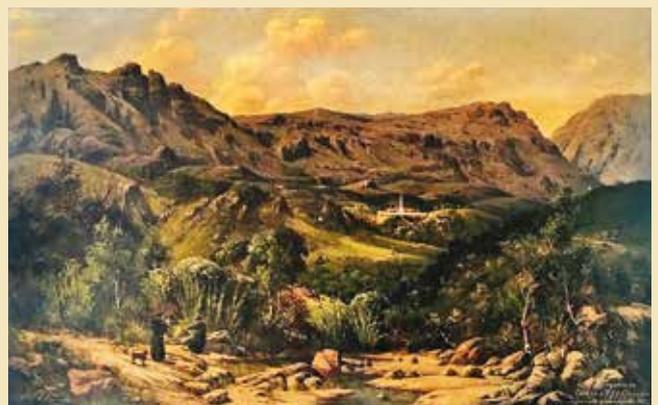
Henriqueta Lisboa, primeira mulher eleita para a Academia Mineira de Letras, seguiu Saint-Hilaire e passou um tempo confinada no colégio, um bendito é o fruto entre os padres e seminaristas de batina. De volta a Belo Horizonte, a amiga e confidente de Mário de Andrade, considerada poeta de primeira linha por Carlos Drummond de Andrade, publicou em 1959 o livro de poemas *“A Montanha Viva – Caraça”*, incluído nos três volumes de sua obra completa, recentemente lançada.

Em *“Solidão”*, ela segreda aos ouvidos os mistérios de lá:

*Um homem na solidão
- que perene solilóquio! -
fala profundo a si próprio.
Fala a Deus em termos claros
a fluírem das mesmas águas
pela eternidade em curso.
Fala com tremor na voz
para que relvas e musgos
a palavra testemunhem.
Fala com os ventos diversos
para que a mensagem levem*

*aos ouvidos do horizonte.
Fala com o penhor das
rochas
para que as estrelas o
ouçam
desde a pedra em que se
assenta:
“Da pedra de solidão
hei de levantar um templo”.*

*“Paisagem do Caraça”,
de Johann Georg Grimm*



Minas, um estado montanhoso

Se a afirmativa de que “Minas é uma palavra montanhosa” possibilita não só o debate, mas também a contestação, como o fez Drummond, a geografia não deixa dúvidas: Minas é um estado montanhoso.

Segundo o pesquisador Ricardo Zorzetto, em artigo publicado na Revista da Fapesp 122, abril de 2006, mesmo a região mineira hoje menos montanhosa foi dominada “há 630 milhões de anos, por uma cadeia de altas montanhas”. Diz ele: “Onde hoje se assenta esse planalto havia uma extensa cadeia de montanhas com até 8 mil metros de rochas cobertas apenas por liquens ou neve. Era o Himalaia brasileiro, que se alongava por quase 1.500 quilômetros, do sul do atual estado de Tocantins ao sul de Minas Gerais”.

Muitas das serras e picos distribuídos por todo o estado tornaram-se pontos turísticos e de viagens culturais, pelos atrativos naturais, pela riqueza ecológica e até mesmo pela importância religiosa. Historicamente, vários desses monumentos naturais foram – e continuam sendo – lenta ou rapidamente destruídos, principalmente pela atividade mineradora.

As dez principais serras catalogadas pelos sites oficiais mineiros, de geografia e de turismo, são as seguintes:

Da Mantiqueira

A Serra da Mantiqueira é o mais importante maciço montanhoso do país, com aproximadamente 500 km de extensão, e delinea as divisas de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. Em Minas, onde estão 60% de sua extensão, ela se inicia no Parque Nacional do Itatiaia e segue até a cidade de Barbacena.

O nome Mantiqueira se origina do tupi-guarani e significa “Serra que chora”, assim denominada pelos índios que habitavam a região, da tribo dos Puris, e devido à grande quantidade de nascentes e riachos encontrados em suas encostas.

A Mantiqueira tem grande presença histórica, primeiro porque foi o principal obstáculo que teve que ser vencido pelos bandeirantes, na busca do ouro do interior mineiro.

Foi também ali, no “Túnel da Mantiqueira”, um túnel ferroviário de 997 metros, hoje desativado, que se deu uma das principais batalhas da Revolução Constitucionalista de 1932, entre as forças paulistas e as federais, lideradas por Minas.

Do Espinhaço

A Serra do Espinhaço, conhecida como a Cordilheira Brasileira, é composta de um conjunto de montanhas, serras, montes e vales muito conhecidos, entre os quais a Serra do Cipó, a Chapada Diamantina, a Serra dos Cristais e a Serra de Ouro Branco. O nome foi dado pelo geólogo alemão Ludwig von Eschwege, devido a sua formação, que se assemelha a uma espinha dorsal, quase que em linha reta.

Do Cipó

A povoação da região tem origem no século 18, ao redor de uma pequena capela construída no local. O povoado foi crescendo e hoje é uma cidade, que se chama Santana do Riacho. A região é dotada de vários sítios arqueológicos, e foi nela que se encontraram os vestígios de que comprovam a presença humana em Minas há mais de 12 mil anos.

Da Canastra

Na região da Serra da Canastra é produzido um dos queijos mais tradicionais do Brasil. Tem ainda o Parque Nacional da Serra da Canastra, com paredões rochosos e inúmeras quedas d’água.

Do Curral

Contorna a capital mineira e sofreu grande degradação pela atividade minerária ao longo dos anos, inspirando manifestações de protesto, como a célebre crônica “Triste horizonte”, de Carlos Drummond de Andrade, e a campanha “Olhe bem as montanhas”, de Manfredo Souzaneto. [Leia também ‘Lamento Serrano’, de Renato Jardim, nesta edição.]

Do Ibitipoca

Localizada entre os municípios de Lima Duarte e Santa Rita do Ibitipoca, abriga o Parque Estadual do Ibitipoca, o mais visitado de Minas Gerais.

Do Caraça

Localizada entre as cidades de Catas Altas e Santa Bárbara, destaca-se pela riqueza de sua fauna e flora e por abrigar o histórico Seminário do Caraça.

Do Caparaó

Abriga o Pico da Bandeira, o terceiro mais alto do Brasil, com 2.892 metros de altitude. A serra foi palco, em 1966/67, de uma incipiente e fracassada tentativa de resistência armada ao golpe militar de 1964, liderada por militares cassados e alguns civis e conhecida como “Guerrilha do Caparaó”.

Dos Cristais

A Serra dos Cristais é uma moldura da cidade de Diamantina. O Conjunto Paisagístico Serra dos Cristais é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha) desde 2010. A Serra é bastante reconhecida por suas belezas naturais e compõe a paisagem e a história do antigo Arraial do Tijucu.

Da Piedade

A Serra da Piedade, em Caeté, é considerada importante marco turístico, religioso e ambiental do estado. Em seu topo está o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Minas Gerais.

Lamento serrano (Ode à Serra do Curral)

Renato Jardim

Juiz de Direito em Belo Horizonte

Havia ali um curral
Um curral que era do rei
Fincado no arraial
Arraial do Curral del Rey.

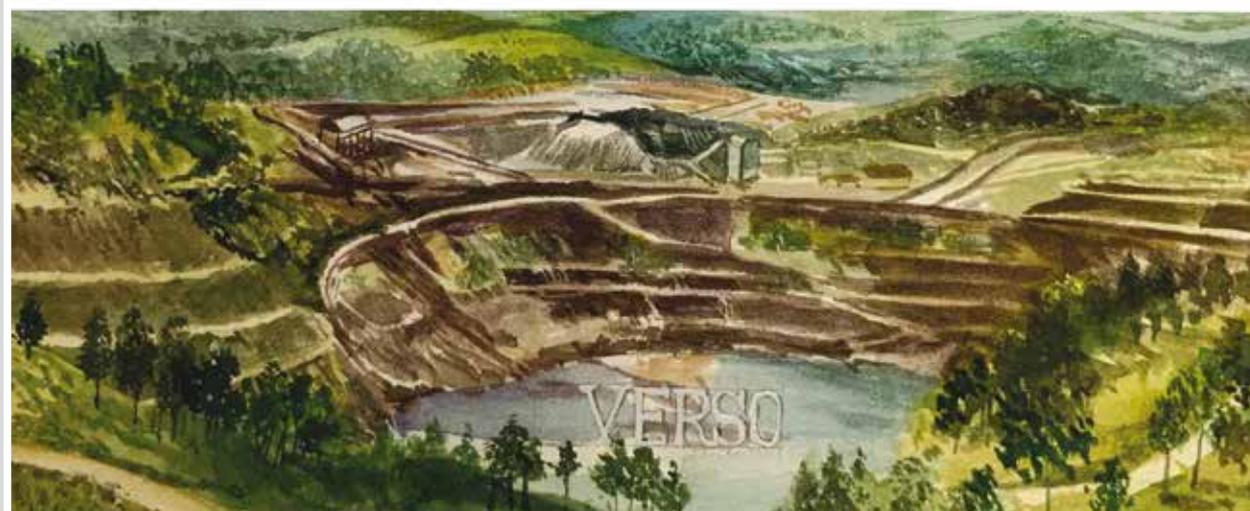
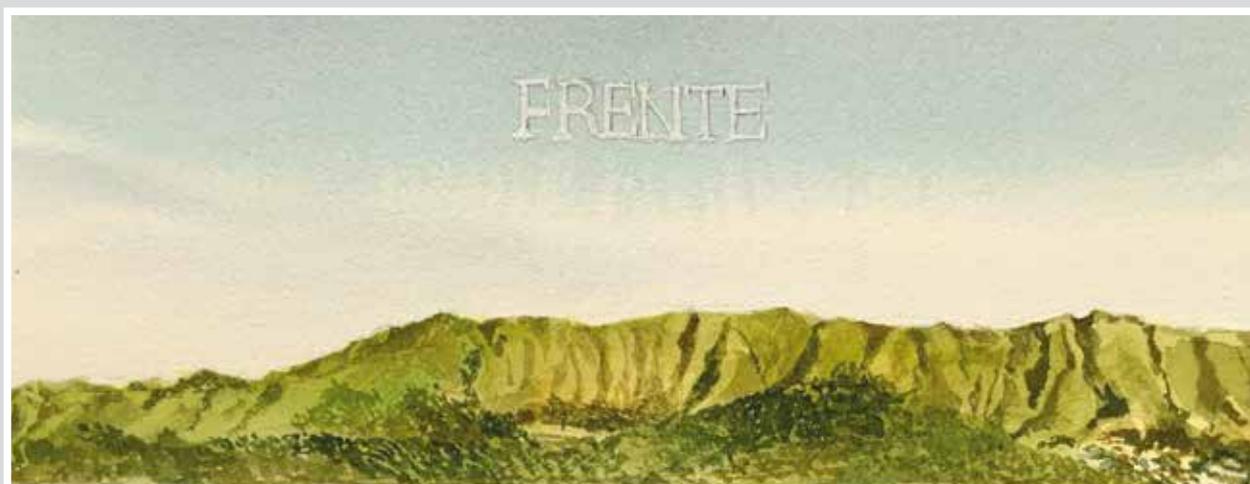
Havia ali uma serra
Riqueza em cofre guardada
Atrás a metálica terra
Passava boi e boiada

Num mirante virgem do monte
Em assombro indisfarçável
Vislumbrou-se um horizonte
A sempre belo alçado.

Natureza em longa meta
O plano de tudo acabar
Estrutura ferrosa concreta
A quietude do lugar.

Terna vista em sólio altivo
Filha em tenra idade
Belo esplendor expansivo
Arraial já é cidade.

Anjo da guarda venal
Negocia o oculto lado
Enverniza a fachada ideal
Astuto placebo dourado.



Havia ali uma serra
Até os homens titânicos
Atrás do maciço que encerra
Passam cavalos mecânicos.

Fura-se a fila do tempo
O natural fica pra trás
Antecipa-se o momento
O vento não se compraz.

Trucidada, empilhada em montes
No exílio a outro país
Emoldura outros horizontes
Não os de sua raiz.

Hollywoodiano cenário resta
Pano de fundo escamoteador
Nuclear agasalho não presta
Esfolada alma, que dor!

Ateísmo na ecologia
Carnificina que entranha
Preservação de utopia
Os sem fé removem montanha.

Já não se encobre o miolo
Há pedidos de socorro
Não se engana até um tolo
A falsa casca do morro.

Chão do lucro calculado
- Prejuízo incalculável –
Tem sentido teu passado
O amor da saudade impalpável.

Teus ventos nas madrugadas
Propagam lendário berro
Espanto de almas penadas
Entoam lamúrias do ferro.

Há ainda em teu veio
Sangue ferroso a correr
Razão de existir o receio
Vontade de não perecer.

Esse sangue das lutas nas fugas
Do poderio econômico
Alimento de sanguessugas
Mercantil furor gastronômico.

Há um vivo desejo
A chama que bruxuleia
Extirpa-se o fraquejo
Se há correnteza na veia.

Serra, serra, serra
Serra airosa de minha terra
Serra, serra, serra
Serra maldita que erra.

Dilacerada, ferida, carcomida
Macerada em sofrimento
Ainda assim és querida
Da urbe filha em lamento.

És a mãe que reclama o confronto
com quem cego a dilacera
És a mãe do mais belo encontro
Desse ponto entre o céu e a terra.

Elegia à terra mineral

Amaury Silva

Juiz de Direito em Governador Valadares

Barra Longa
 Princesa dos vales
 Sujou a Ilha
 Exauriu Mariana
 Inumou Brumadinho
 Silêncio vida mineral por Bergson
 Leva, vale, vela
 O poeta maior não deveria ter pedido
 Ao ditador
 Vale é mãe de Mefisto, que gerou as barragens
 Não quero cartilha psiquiátrica
 Quero enlouquecer
 Fugir de Minas, atrás do Mar de Bambuí
 Não quero clássico em manhã de domingo atroz
 Ao som de Milton e das bachianas
 Quero chorar minhas dores insanas
 As exéquias, as orações e um protesto feroz
 Sou astral, mas sou terral
 Etéreo, minério
 Intensidade visceral
 Que pensa ser a vida um permanente pós.

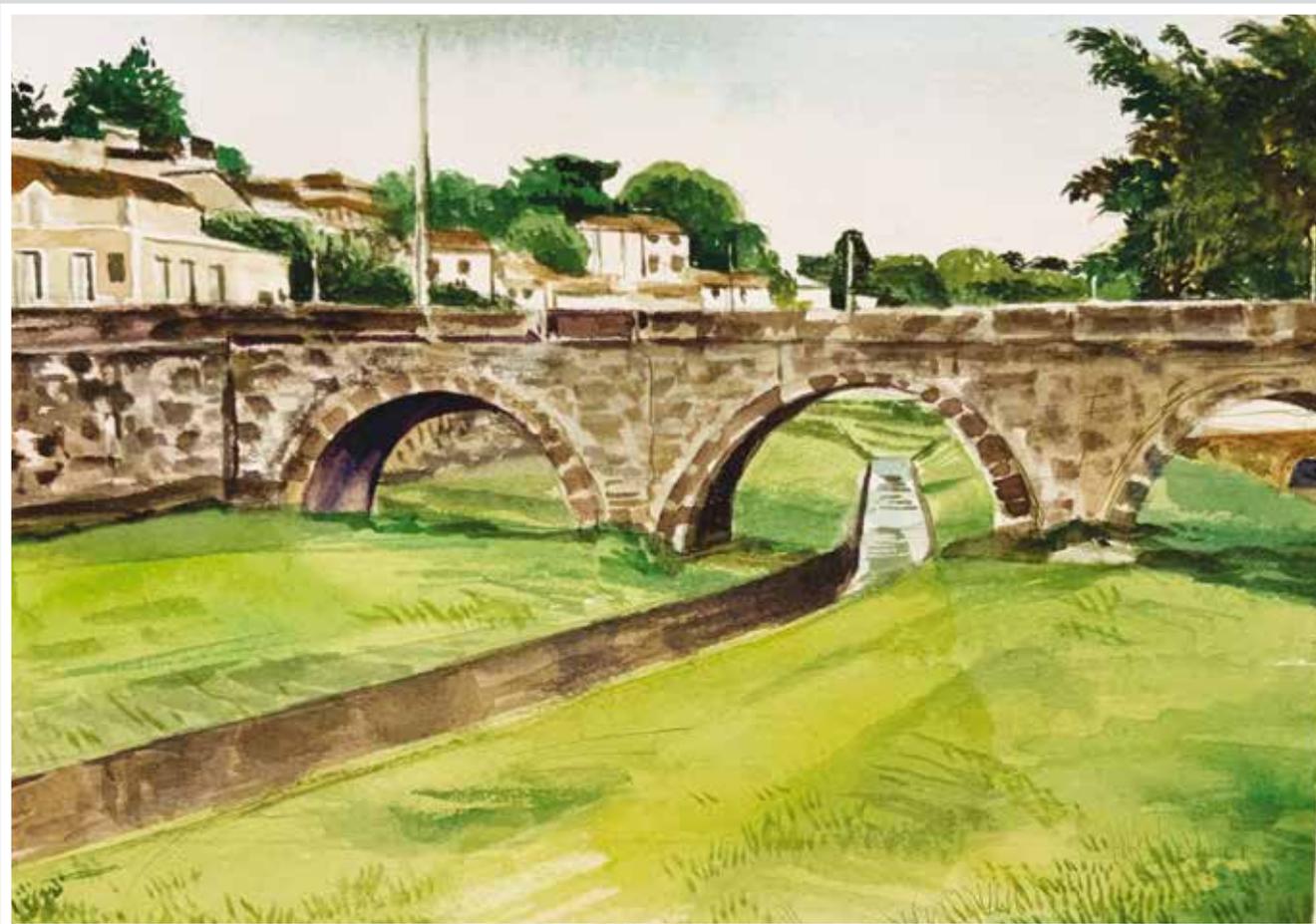


A ponte

Rogério Medeiros Garcia de Lima
Desembargador do TJMG

São João del-Rei,
Minha terra,
Tem pontes.
Pontes seculares.
Da Cadeia e do Rosário.
Ligam passado, presente e futuro.
Testemunham histórias.
Pontes inconfidentes:
Tiradentes queria transpor
O rio da opressão
Até a margem da liberdade.
Pontes da democracia:
Tancredo transpôs
O rio do autoritarismo
No rumo da redemocratização.
Também ligam
Tristeza e alegria;

Descrença e fé;
Procissão e carnaval.
Saudade e reencontro;
Silêncio e musicalidade;
Angústia e sossego;
Derrota e vitória;
Morte e vida.
Minas é travessia.
Grande sertão: veredas,
de Guimarães Rosa.
Dois poetas,
Milton e Brant,
Soltam a voz
Nas estradas.
Já não podem parar
De sonhar.



Três poemas

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG

É cedo

Nem percebi:
o mundo girou tantas vezes,
filhos cresceram.
Nem percebi o corpo envelhecendo.

Foi no andar de tantas estradas
que a velhice se avizinhou.

E eu penso, penso.
Penso se não seria melhor viver escondida em casa no mato,
ou expor a velhice sem botox.
Deixar cumprir a natureza.
Então, nas minhas preces
Lembro-me da oração de Santa Teresa:
"Senhor, não me deixes ter vaidade de não ter vaidade".

Preparo-me.
Apresento-me,
Ainda as mãos, enrugadas, trabalham.
Sustentam a chama,
escrevem.

Algum dia irei embora.
Agora não, é cedo.

Origem

Minha saudade é seletiva,
teima lembrar-me
da casa em que fui criada
no bairro de Santa Teresa.

A casa, os pais, os filhos,
trindade imortal de afeto
dissipada no esmaecer dos anos.

Onde andam meus irmãos?
Onde caminha aquela vida?
Ladrilhos do tempo,
mosaicos de mim.

O pai não resistiu à vida, quando o filho, morto, se foi.

A mãe, alegre, tem corpo forte
e mente em profusão.
Refugiada da vida,
brinda seus 98 anos.
Lembra-me, basta-me.
A mãe do acordar, do almoço, do lanche, de me fazer deitar,
a das costuras à máquina Singer repleta de retroses e botões
perdeu-se em seus pensamentos.
Cantigas de outrora enchem seu coração e se põe a cantá-las.

Sobram-me cheiros do tempo da casa do pai com filhos.

Será o vazio da maturidade, esse que me imola em tantos
dias?
Meus irmãos envelheceram.
E tantas famílias criaram,
e destas, outras tantas.

Eu fico a observar o futuro,
que já chegou.

A olhar o passado:
aquela grande casa amarela da Rua Anhanguera, onde, por
anos, morei,
guarda mais que simples memórias.
Um pedaço de mim está lá, onde me revivo e moldo.

É lá, na origem, que meu coração passeia com saudade.

Casa da mãe idosa

Desde sempre havia
pão, bolinho de chuva.
Casa da mãe,
jeito de avó.
Missal na cama
renda sobre a mesa,
telhado.

A varanda visita a lua.

A cria,
a memória
a teia, tela, substância.

Se não me sabes,
nomeia-me.

Domingo,
pão na cesta e café na mesa
um quê de suspiro
contentamento no ar,
rodeia-me.



Dois poemas

Llewellyn Medina

Desembargador do TJMG, aposentado

Choveu como em Macondo

A chuva cantava no
telhado telhas abauladas
ressou no terreiro
molhado

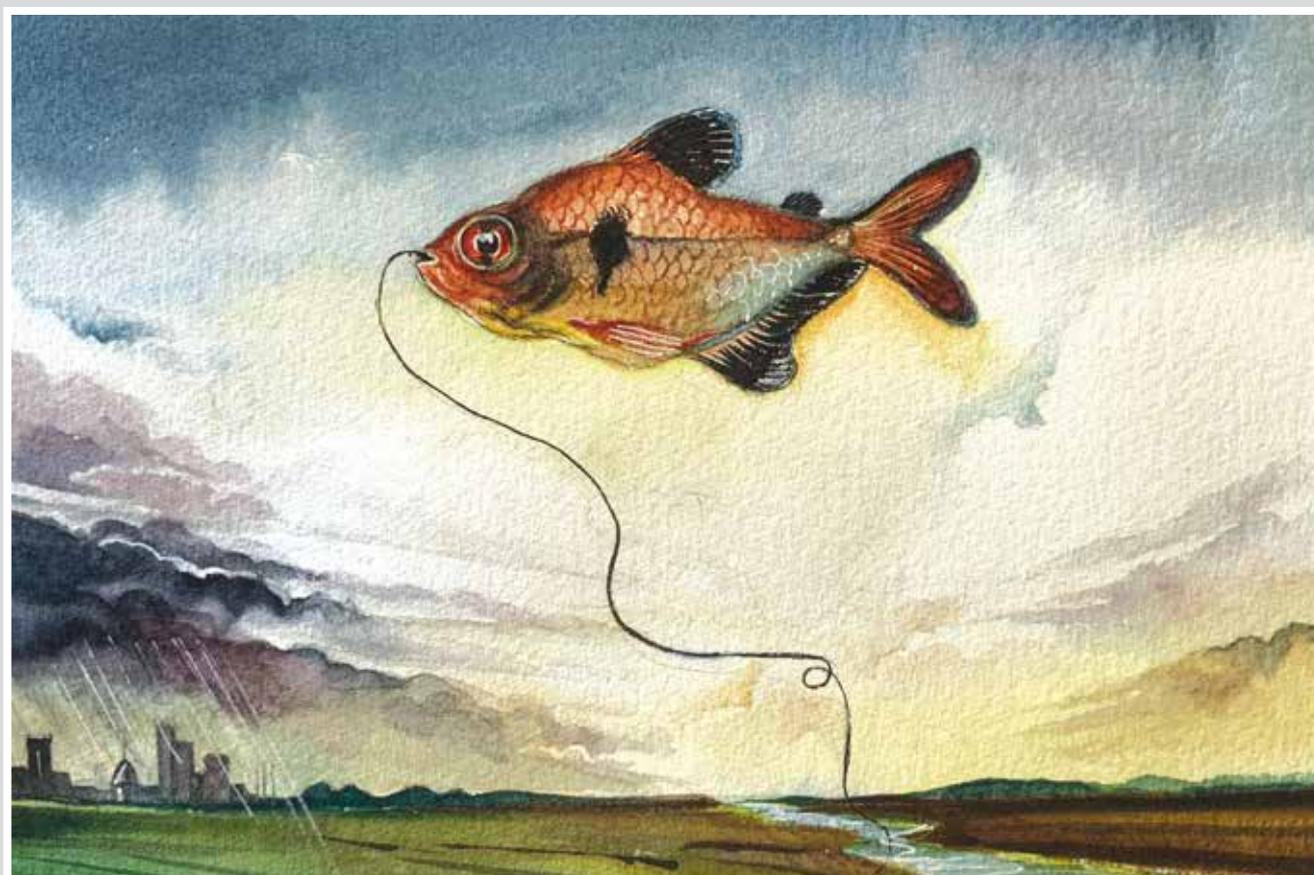
lembranças fecundas
chuva de primavera

choveu como em Macondo
primavera
verão
(no outono choveu pouco)

restará da terra úmida
o cheiro acolhedor atemporal
mãos imperiosas
mariposas contra o lampião

não mais tenra grama
já se foi
já se foi

o peixe esguio deslizava
rua sem paralelepípedos
pés descalços
pés descalços
rua feita de morro
feitiço
feita rio
ecos cavos
olhares vazios
vento arredio empinava
papagaio vadio
o papagaio
o peixe



o peixe voava
 nuvens acima
 o rio
 o azul da corredeira
 o peixe
 a lembrança presa à frágil linha
 a linha fisga o peixe

o peixe perdido na lembrança
 quartos soturnos paredes-meia
 vizinha cantava ngela Maria

fim do dia
 quietude
 olhar mortiço
 a culpa
 (a culpa é imemorial)
 a desculpa
 o peixe no rio
 o peixe no Rio
 bruma feita fantasma
 choveu como em Macondo
 cansaço parece vencer papagaio
 preso à linha balanceia
 baila arabesque
 lentamente
 rompeu-se a linha
 a linha
the dream is over.

Noturno da Lagoa III

Lagoa rabugenta
 lua nova afugenta passantes sem
 tino
 repentinos uivos distantes solitários caninos
 pensamentos sem destino
 errantes na escuridão

essa cor de chumbo gosto de giz
 o anis do céu escondeu-se inibido
 prédios à volta limitam pele lustrosa
 o mundo poderia vazar as estrelas
 mundo é pequeno José
 não abarca todas as agruras cometidas
 repetidas estrelas inda não vistas

ajoelho-me
 curvo-me tal qual Atlas
 o peso de meus já longínquos dias
 não pesa mais fugidia lembrança
 evoco nas noites de sono desesperança
 o sereno lançado
 a capa silenciosa

se tomasse partido
 dividisse momento de fraqueza
 tão forte em tempos de incerteza
 a insensatez fomenta
 espelho de Narciso
 somente descrença
 ranger de dentes tormento
 fogo por apagar
 retrato de Dorian Gray às avessas
 toc toc toc lá vem a indesejada
 a lua nova a tudo finge iluminar

magnífica em sua indiferença
 balança placidamente seu ventre
 quem te pariu foi Adão
 parece dizer
 lavar as mãos
 dia de perdão
 ou será em vão
 A Lagoa açambarca as estrelas.

Dois poemas

João Quintino

Desembargador aposentado do TJMG

Coronavírus

Em tempo de pandemia
A brasileira nação,
Sem recursos na alquimia,
Tem máscara e gel à mão.

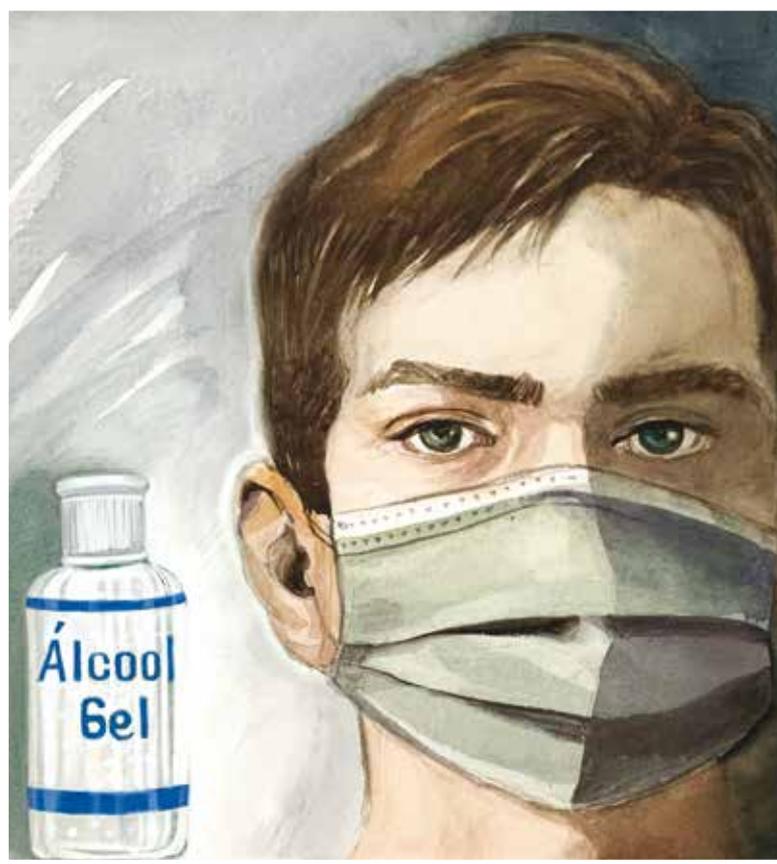
Fico mal, de quarentena,
Atacado dessa praga,
Uma coisa tão pequena
Mas que aflige e tanto estraga.

Grave mal a pandemia!
Maltrata a população.
Mata gente todo dia.
Empobrece uma nação.

Qual a origem desse vírus,
Coisa estranha cá nos trópicos
Que nos incha de suspiros
E é de efeitos tão ciclóticos?

Morticínio é que ela causa
Fazendo sofrer famílias.
Na ação rápida, sem pausa,
Mata pais, filhos e filhas

Deixo aqui o meu recado:
Não brinque com pandemia.
Esse mal vem disfarçado.
Mata gente todo dia.



Eu no Universo

A ideia é vaga. O pensamento-lenda
Mergulha no sem nada da emoção
Onde o conteúdo de uma inspiração
Induza ao belo e à mente surpreenda.

Se gira o mundo, a estrela, o sol, a lua,
Girar devera o coração do poeta,
Nesse destino astral que o faz profeta,
Um obstinado cantador da rua.

Ah! mundos siderais, naves supremas!
Dança orbital unindo extremos mundos
Cheios de luz e de sombras profundos
Que ao vate inspiram cantos e poemas!

Orgulha-se meu ser sobremaneira
Por somar nessa grei fenomenal,
Partícula de um corpo universal
Numa explosão da vida passageira.

Três poemas

Fernando Armando Ribeiro
Desembargador do TJMMG

Entrelinhas

E screver
por silêncios
(poético
desafio)

preencher
a página sem
ofuscar-lhe
o branco

Ipês

Suas ricas
vestes amarelas
logo estarão
ao chão

mensageiros
magnânimos
da estação

(tapetes para a primavera)

Primavera

Pétalas
ao vento
acompanham
beija-flores

Abelhas e
borboletas
disputam
o beijo
das rosas

E no céu
andorinhas
cantam
instantes
como auroras





Fountain of Justice, Frankfurt (Alemanha)

A Deusa da Justiça nas praças do mundo

Marcelo Piragibe

Juiz de Direito em Juiz de Fora

Chamadas de ‘ágoras’ ou ‘fóruns’ entre os gregos e os romanos, as praças foram, desde sempre, espaços públicos de grande fluidez de pessoas, local de convivência e lazer, algumas com bancos, parques e jardins e, muitas delas, com grandes monumentos a fim de perenizar algum personagem da história local, nacional ou mundial.

Possuem, deste modo, inúmeras funções sociais, inclusive voltadas à transmissão de conhecimento e cultura, de exposição de ideias e até mesmo de tomada de decisões. As praças são, por excelência, centros irradiadores de valores, de debates, de julgamentos e de muitos movimentos sociais.

Assim ocorreu na ágora onde Sócrates foi julgado em seu processo; foi no fórum de Roma que nasceu o Império homônimo; na praça de São Petersburgo surgiu a Revolução Comunista na extinta União Soviética; foi na Plaza de Mayo, em Buenos Aires, que se iniciou o movimento de mães que buscam seus filhos desaparecidos durante o regime militar; em Pequim, a Praça da Paz Celestial ficou conhecida mundialmente em 1989 por ter sido palco do massacre de estudantes que lutavam por democracia.

Também no Brasil, muitas manifestações importantes ocorreram, ao longo da história, em praças públicas. Um exemplo foi a eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932, em que os paulistas deram início às manifestações contra a ditadura Vargas em uma praça, atualmente denominada Praça da República. Outros exemplos não faltam, em âmbito nacional e mundial.

As praças, portanto, representam um dos principais locais populares através dos quais fatos, movimentos da maior importância e relevância social se apresentam e se expressam.

Mas ao mesmo tempo em que se tornam palco para tantos acontecimentos históricos com grande dinamismo, agitação, nervosismo, barulhos de multidão e de tiros, e até derramamento de sangue, nas praças também encontram-se silenciosos, estáticos, mas deveras representativos, diversos monumentos e imagens. A estátua da Deusa da Justiça é uma das que, com sua presença simbólica, permanece nestes locais há séculos, mantendo-se lado a lado com o desenrolar dos acontecimentos mais importantes da história da humanidade.

De um modo geral, este tipo de representação artística tem sido produzido desde a pré-história. A origem da palavra “monumento” vem do grego *mnemosynon* e do latim *moneo*, *monere*, que significa ‘lembrar’, ‘aconselhar’ ou ‘alertar’, sugerindo que um monumento nos permite ver o passado, nos ajudando a visualizar o que está por vir no futuro.



Têmis, em Recife

“A estátua da Deusa da Justiça é uma das que, com sua presença simbólica, permanece nestes locais há séculos.”

No dizer do historiador Eduardo Henrique de Paula Cruvinel, *“Os monumentos, têm sua origem ligada ao sentido de advertir, lembrar, prevenir, com função didática e pública, posteriormente adquirida, de transmitir às gerações futuras acontecimentos e marcos que não devem ser esquecidos. Propiciam a ideia de um diálogo entre passado e presente, permitindo uma ligação entre o existente e o que já não existe, atuando como depositários de memória. Representam e revelam valores de uma sociedade, são o testemunho de determinada cultura sob a forma material, na qual sua capacidade narrativa excede a vida da sociedade que o originou.”*

A presença do monumento da Deusa da Justiça nestes espaços públicos em muito maior número do que qualquer outra personagem ou ícone mostra e reforça sempre sua importância em termos de ideário e valor a ser buscado e defendido. A essência desta mensagem através da sua imagem tem sido replicada e difundida mundialmente nestes espaços e logradouros públicos em diversos países, de vários continentes. Alguns atributos e adereços que a acompanham e a envolvem se modificam de tempos em tempos, como a balança, a espada, a venda, mas seu significado simbólico tem permanecido o mesmo.

O tema ensejaria estudo profundo e até mesmo uma boa tese de Doutorado, mas fazemos aqui este brevíssimo relato histórico da iconografia da Justiça nos espaços públicos do Brasil e do mundo, como forma de instigar a curiosidade e



A Justiça, de Alfredo Ceschiatti, em Brasília

“A justiça precisa de solidariedade social, quando os indivíduos contribuem para o bem-estar coletivo e por isso tão importante para os administradores das coisas públicas.”

reflexão para o assunto tão interessante a nós magistrados e operadores do direito - que almejamos a realização da Justiça em seu sentido mais amplo.

História

A iconografia da Justiça inicia-se no antigo Egito, onde a Deusa da Justiça eterna era Maat [ou Maet] muito adorada (5000 a.C.) e foi encontrada junto de importantes faraós, nas pirâmides. Como mito grego, foi personificada em Dike e sua filha Themis (700 a.C.) cujas imagens estão espalhadas mundo afora. Como principal virtude humana, foi concebida por Platão (428 a.C.) e Aristóteles (385 a.C.) e tratada por Santo Agostinho (354 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225), entre muitos outros.

A fórmula estética do “belo, bom e justo” de Platão serviu aos governantes de todas as épocas para atrelarem suas administrações à imagem da Justiça, dentro dos palácios, pelas ruas, nas praças. Contratavam os grandes artistas da época para difundir-las por desenhos, pinturas e esculturas em todos os ambientes possíveis. Na concepção de Platão, em sua obra “A República”, a justiça precisa de solidariedade social, quando os indivíduos contribuem para o bem-estar coletivo e por isso tão importante para os administradores das coisas públicas.

Como arquétipo do inconsciente coletivo, a Justiça vem encarnada nesta figura feminina, bela, insinuante e até hoje o bom governo busca vincular-se à realização da boa justiça. Continua sendo reverenciada em todos os lugares, impregnando o imaginário popular, e presente não somente no pequeno escritório do advogado, mas nos grandes



A Justiça na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro

“Como arquétipo do inconsciente coletivo, a Justiça vem encarnada nesta figura feminina, bela, insinuante e até hoje o bom governo busca vincular-se à realização da boa justiça.”

logradouros públicos. Com maior frequência nas praças em frentes aos tribunais, nos fóruns e palácios da Justiça, como a existente em Brasília em frente ao edifício do Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes.

Enquanto diversos monumentos e estátuas continuam sendo derrubados e destruídos pelos iconoclastas em diversos países, a deusa maior da Justiça continua secularmente respeitada e venerada por todos, incólume e ativa, símbolo maior das principais praças do mundo.



A Justiça, em Cuiabá



Relatividade do mérito e o raciocínio binário

Armando Barreto Marra
Juiz de Direito em São João del-Rei

O raciocínio binário é extremamente limitado. Ninguém nasce na mesma posição de largada na vida. A existência revela-se como uma complexidade às vezes inebriante. O mérito que temos se formos bem sucedidos em alguma área de atuação é relativo. Certo que nos esforçamos, mas certamente nascemos em famílias com um mínimo de equilíbrio, que passou bons valores e nos educou moralmente.

Releva lembrar do princípio da diferença de John Rawls, talvez o teórico da justiça mais influente da segunda metade do século XX. Rawls defendia exatamente isso, que há uma verdadeira loteria no código postal, claro que reconhecendo o mérito ou não de cada um. Mas alguns nascem com mais facilidades do que outros, não há dúvidas. Até para quem nasce na mesma família, na mesma cultura, educados com os mesmos recursos, há diferenças. Os economistas da Universidade de Edimburgo concluíram que os primogênitos, em regra, possuem maior pontuação do teste de QI do que seus irmãos já na idade de um ano. Pesquisadores justificam o fato em razão de as crianças primogênitas receberem mais estimulação mental e apoio no desenvolvimento de habilidades de pensamento de seus pais durante os primeiros anos de vida.

Portanto, segundo Rawls, com quem concordo absolutamente, para compensar as vantagens que tivemos, devemos beneficiar os menos providos de recursos na mesma medida de nosso sucesso e bem estar na vida. Há quem veja na teoria de Rawls o estigma esquerdistas, mas não se trata disso. Sua doutrina revela um princípio de justiça, a saber, o reconhecimento da dignidade humana como merecedora de reconhecimento e amparo.

Mas, voltando ao raciocínio binário, vemos que alguns profissionais da área do Direito defendem a repressão e o encarceramento como remédio único e eficaz para combater a criminalidade. Ou preto ou branco, frio ou calor, sem meio termo, sem considerar “n” possibilidades entre um extremo e outro. Na verdade, cada um age da melhor maneira que pode, até aquele que pratica um homicídio em dada circunstância, assim age porque não sabe agir de outra forma. Nem repressão absoluta, nem absolutismo. Educar moralmente, esse o grande desafio para as sociedades modernas. Toda repressão pura e simples ocasionará uma expansão posterior que causará danos à sociedade.

Qual a relação do raciocínio binário com o princípio da diferença? Quem tem raciocínio binário enxerga a realidade sem visualizar os múltiplos pontos de partida que uma pessoa

“Ninguém nasce na mesma posição de largada na vida. A existência revela-se como uma complexidade às vezes inebriante.”

“Alargando o horizonte de possibilidades de tratamento aos menos privilegiados na sociedade é a forma de construção de um futuro com menos criminalidade, mais paz e harmonia.”

pode ter na vida, o que reflete a complexidade da existência e a relatividade do mérito. O princípio da diferença esclarece que o mérito é relativo e que não posso ser justo se não benefício os menos privilegiados na sociedade com os frutos de minha realização.

Temos compromissos morais com a história. Nosso ‘Eu’ não surge do nada. Nascermos em um lar, numa rua, num bairro, numa cidade ou área rural específica, um Estado, um país. Edmund Burke, filósofo e político escocês, assinalou que, em oposição à teoria do Contrato Social de Rousseau e seu efeito subversivo, se a sociedade é um contrato, então é um contrato em que os mortos, os vivos e os não nascidos são todos igualmente parceiros: em outras palavras, não se trata de fato de um contrato, mas de uma herança de confiança, que não pode ser reduzida ao acordo a ser vinculado. Todas as obrigações de amor são dessa natureza. O amor à dignidade humana, um dos parâmetros fundamentais do dirigismo constitucional, nos leva a pensar que devemos ter políticas públicas mais inteligentes no sentido de recuperar o ser humano que delinuiu, não simplesmente excluir dele a possibilidade de evoluir, superar suas iniquidades e se alinhar à vida em comunidade.

O ser humano conta histórias e nosso ‘Eu’ traz consigo sua história. O que Alasdair MacIntyre chama de conceito narrativo do ‘Eu’ é a vinculação do ser a toda história que o precedeu e seu dever comunitário em deixar um mundo melhor para os que o sucederem neste mundo. O Brasil é um país que abraçou a possibilidade de recuperação das pessoas, pois a promoção de dignidade humana deve ser um norte, não só de políticas públicas, mas de atuação dos cidadãos.

Kant postulava que devemos atuar sempre por dever e ter o ser humano como um fim e não como um meio. Age baseado em uma máxima que possa se tornar norma de atuação para todos. Essa norma sempre terá o ser humano como fim. Só seres humanos, por serem dotados de racionalidade, são capazes de criar (razão pura) imperativos categóricos específicos (razão prática) que servem de modelo de atuação para todos indistintamente.

Alargando o horizonte de possibilidades de tratamento aos menos privilegiados na sociedade é a forma de construção de um futuro com menos criminalidade, mais paz e harmonia. É certo que há seres humanos de recuperação quase impossível, os chamados sociopatas, que não carregam a mínima empatia pelo próximo. A estes, o controle das instituições deve ser rigoroso. A perfeição não é deste mundo.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINALS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.



A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

